



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**REGIONAL CATALÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DEANNE TELES CARDOSO

**A MULHER E O TRABALHO:**  
O cotidiano das trabalhadoras dos supermercados

CATALÃO (GO)  
2015

DEANNE TELES CARDOSO

**A MULHER E O TRABALHO:**  
O cotidiano das trabalhadoras dos supermercados

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
*Stricto sensu* em Geografia da Universidade Federal de  
Goiás, Regional Catalão como requisito para obtenção  
do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do  
Território

Linha de Pesquisa: Ordenamento do Território e  
Estudos Rurais

Orientador: Prof. Dr. José Vieira Neto

CATALÃO (GO)  
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Cardoso, Deanne Teles  
A MULHER E O TRABALHO [manuscrito] : O cotidiano das  
trabalhadoras dos supermercados / Deanne Teles Cardoso. - 2015.  
0 77 f.

Orientador: Prof. Dr. José Vieira Neto.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Regional  
Catalão, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Catalão, 2015.  
Bibliografia. Anexos.  
Inclui siglas, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de  
tabelas.

1. mulher. 2. trabalho. 3. precarização. I. Vieira Neto, José, orient. II.  
Título.

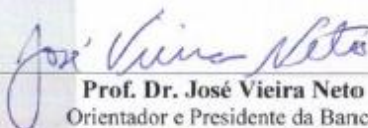
**TERMO DE APROVAÇÃO**

**Deanne Teles Cardoso**

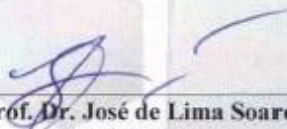
**A MULHER E O TRABALHO:  
o cotidiano das trabalhadoras dos supermercados**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Dr. José Vieira Neto**  
Orientador e Presidente da Banca  
Universidade Federal de Goiás  
Regional Catalão – Geografia



**Prof. Dr. José de Lima Soares**  
Membro Externo  
Universidade Federal de Goiás  
Regional Catalão – Ciências Sociais



**Prof. Dr. Paulo Henrique Kingma Orlando**  
Membro Interno  
Universidade Federal de Goiás  
Regional Catalão – Geografia

**Aprovada em 14 de abril de 2015.**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):		Deanne Teles Cardoso	
E-mail:		deannetc@hotmail.com	
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor		Professora	
Agência de fomento:		Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla: CAPES
País:	Brasil	UF: GO	CNPJ: 935194191-49
Título: A MULHER E O TRABALHO: O cotidiano das trabalhadoras dos supermercados			
Palavras-chave: Mulher, trabalho, precarização			
Título em outra língua:		WOMEN AND WORK: The daily life of workers of supermarkets	
Palavras-chave em outra língua: Woman, work, precarious			
Área de concentração:		Geografia e Ordenamento do Território	
Data defesa: (dd/mm/aaaa)		14/04/2015	
Programa de Pós-Graduação:		Programa de Pós-Graduação em Geografia	
Orientador (a):		José Vieira Neto	
E-mail:		jovinetto@hotmail.com	
Co-orientador (a):			
E-mail:			

**3. Informações de acesso ao documento:**

Liberção para disponibilização?<sup>1</sup>       total       parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: \_\_\_\_\_

Outras restrições: \_\_\_\_\_

1 Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

  
 Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_/07/2015

*Ao meu companheiro Júnior e à minha  
filha Millena. Pelo amor e cuidados que a  
mim dedicaram.*

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram os lápis e os papéis, inúmeras foram as horas de solidão acompanhada pelos livros, escritos, ideias e opiniões. As dúvidas, minhas incansáveis companheiras! Os medos, os temidos fantasmas! E a coragem, a propulsora e fiel responsável por eu conseguir chegar até aqui.

É uma sementinha que nasce e dá fruto após longos anos semeando uma formação acadêmica e uma profissão. Chegar aqui não foi fácil, e é importante comemorar esse momento e me preparar para uma possível e futura caminhada. Para esse momento é importante registrar os agradecimentos pela contribuição de várias pessoas que, de uma forma ou de outra, foram fundamentais para que eu tivesse força e coragem para enfrentar os obstáculos que surgiram.

No início éramos três: duas sonhadoras professoras e um competente professor, que escolheram o caminho da incessante formação profissional. Eu, Juliana e Robson tentamos até que conseguimos, e no primeiro momento, quando menos esperávamos, o trio se tornou um quarteto. Eis que chegou o professor Ângelo para nos alegrar, nos enfiar, nos amar eternamente e por nós ser amado. A vocês, meus amigos e minha amiga, meus sinceros agradecimentos pelos bons momentos que vivemos, pela ajuda, força e encorajamento. Por muitos e muitos quilômetros que percorremos juntos, nossos almoços e jantares, dificuldades, medos, incertezas, derrotas, vitórias e comemorações.

Os estudos foram agraciados com o início de amizades sinceras e verdadeiras. Regadas de companheirismo, amor, dedicação, risadas, choro, paciência, insônias, noites mal dormidas, horas de estudo, desafios, viagens, trabalhos de campo, participações em eventos, também fome e muita comida. A vocês, minhas “bests”, meus agradecimentos eternos por existirem em vida e fazerem parte da minha história. Aiany, Claudia, Cristiane, Luciana, Marli e Rosiane, tenham a certeza de que serão “para sempre”!

Ao meu amigo Alexandre, um grande guerreiro que, por tantas dificuldades encontradas nas responsabilidades com a família e o com o trabalho, não compartilha conosco esse momento.

Para viver tudo isso, deixei aqui pessoas especiais, amigas para a vida toda. Grazielle, Joana Darc e Érica, pessoas maravilhosas às quais agradeço pelas orações diárias, pelas palavras e principalmente as mensagens de fé e encorajamento que já faziam parte do meu cotidiano e me fortaleciam cada dia mais.

Às minhas amigas Daiane e Lívia, que sempre estiveram ao meu lado me ajudando a superar as dificuldades.

Ao meu amigo José Henrique que me ajudou com a produção do abstract, muito obrigada!

À minha amiga Marta, minha companheira guerreira que me ensinou a sempre lutar e sorrir. Sua determinação, apesar de todas as dificuldades, me ensinou a sonhar e nunca desistir. Obrigada, amiga.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, juntamente com os professores do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Aos professores Dr. José de Lima Soares e Dr. Paulo Henrique Kingma Orlando, por aceitarem o convite para participar da banca examinadora.

Ao professor Dr. José Vieira Neto, pelos momentos de orientação e contribuição para a realização desse trabalho.

A minha mãe e meu pai, por estarem sempre ao meu lado me incentivando, pela confiança e por toda a ajuda despendida durante esse tempo.

À minha Millena, que suportou todas as dificuldades sempre sorridente e ao meu lado me dando carinho e amor, a força maior para vencer.

Ao meu companheiro Júnior, por todo carinho, paciência e amor dedicados a mim.

E a Deus que com seu amor e misericórdia colocou todas essas pessoas ao meu lado e me ensinou que com fé, determinação, com a família e com os verdadeiros amigos ao meu lado eu conseguiria chegar ao fim.



## MULHER DE FIBRA, LUTA, TRABALHO E FORÇA

### *Lição de Casa*

*“Você tampa a panela,  
dobra o avental,  
deixa a lágrima secar no arame do varal.  
Fecha a agenda,  
adia o problema,  
atrasa a encomenda,  
Guarda insucessos no fundo da gaveta.  
A ideia é tirar a tarja preta  
e pôr o dedo onde se tem medo.  
Você vai perceber  
que a gente é que faz o monstro crescer.  
Em seguida superar o obstáculo  
pois pode-se estar perdendo  
um espetáculo acontecendo do outro lado.  
Atravessar o escuro  
até conseguir tatear o muro  
que é o limite da claridade.  
Se tiver capacidade para conquistá-la,  
tente retê-la o mais que puder.  
Há que ter habilidade, sem esquecer  
que a luz é mulher.  
Do inferno assim desmascarado,  
é hora de voltar.  
Não importa se o caminho é complicado,  
se a curva é reta  
ou se a reta é torta.  
Você buscou seu brilho, voltou completa,  
jogou a tranca fora, abriu a porta”.*

(FIGUEIREDO, Flora. *Amor a Céu Aberto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992)

## RESUMO

O setor de serviços apresenta um considerável crescimento nas últimas décadas, impulsionado pelo consumo que é a mola propulsora da reprodução de capital. O consumo aparece como estratégia utilizada pelo capital a fim de reproduzir-se, por meio da expansão do comércio varejista. As lojas passaram por mudanças ao longo dos anos, a fim de atrair clientes, facilitar e incentivar a elevação do consumismo, utilizando-se principalmente da exploração da mão de obra que se encontra disponível no mercado de trabalho, como é o caso da mão de obra feminina, que busca na sua inserção a oportunidade de mudança da condição social das mulheres, como reprodutoras e cuidadoras da casa, do marido e de filhas e filhos. A mulher emprega-se em trabalhos determinados para as trabalhadoras do sexo feminino, com baixo prestígio social e a mínima remuneração salarial, que em alguns casos pode até ser inferior a do homem que desempenha a mesma função. O capital como estratégia de reprodução cria redutos de trabalho feminino, como o desempenho de funções nos supermercados, e acentua a divisão sexual do trabalho quando, por exemplo, a função de operadora de caixa é realizada quase exclusivamente por mulheres. Além do trabalho doméstico, que ainda se impõe como tarefa essencialmente feminina e proporciona à mulher a necessidade de realizar uma dupla ou tripla jornada diária. Resultante de uma construção histórica e social, as questões de gênero expressam as relações de poder, principalmente no que se refere à divisão entre mulher e homem, quando as diferenças biológicas são levadas em consideração, servindo de critérios para diminuir o valor do trabalho realizado pela mulher e favorecendo o homem, para que ele exerça profissões de prestígio e alcance cargos de chefia. A pesquisa tem como objetivo investigar o processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho, estando empregadas nos supermercados, vivenciando a precarização das condições de trabalho tanto no espaço produtivo como no reprodutivo.

**Palavras chave:** mulher, trabalho, precarização.

## ABSTRACT

The service sector has grown considerably in recent decades, driven by consumption that is the driving fashion reproduction of capital. The consumption appears as a strategy used by capital to reproduce itself through the expansion of the retail trade. The shops have undergone changes over the years in order to attract customers, facilitate and encourage the rise of consumerism. Using mainly from the labor that is available in the labor market, such as the female labor that search in participating, the opportunity for change of their social status as reproductive, caretaker of the house, husband, daughters and sons. The woman is employed in certain jobs for working women with low social prestige and the minimum rate of pay which in some cases can even be less than the man who performs the same function of women. The capital and reproduction strategy creates female labor strongholds as concerned the performance of functions in supermarkets and accentuates the sexual division of labor when taking as an example, the cashier function that is performed virtually by women. In addition to domestic work that still imposes itself as essentially feminine task and gives the woman the need for a double and/or triple workday. Resulting from a historical and social construction, gender issues express power relations, particularly with regard to the division between women and men when the biological differences are taken into account serving criteria to decrease the value of work performed by women and favoring the man for this exercise prestigious professions and reach leadership positions. The research aims to investigate the woman's process of integration in the labor market, being employed in supermarkets living the precarious working conditions in both the production space as reproductive.

**Keywords:** woman, work, precarious.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mesoregião do Sul Goiano: limites municipais - 2014.....	39
Quadro 1 - Total de funcionários dos supermercados: entrevistas realizadas - 2014 .....	49
Quadro 2 - Escala de trabalho nos supermercados: entrevistas realizadas - 2014 .....	50
Gráfico 1 - Faixa etária das trabalhadoras entrevistadas - 2014.....	53
Gráfico 2 - Grau de escolaridade das trabalhadoras - 2014.....	54
Gráfico 3 - Quantidade de filhas e filhos das entrevistadas - 2014 .....	55
Tabela 1 - Funções desempenhadas por mulheres nos supermercados.....	56
Gráfico 4 - Tempo de contratação das trabalhadoras nos supermercados - 2014 .....	59
Gráfico 5 - Definição de trabalho para as entrevistadas - 2014.....	61
Tabela 2 - Por que você hoje trabalha nos supermercados .....	61
Tabela 3 - Qual função remunerada exerciam anterior aos supermercados.....	64
Gráfico 6 - Assédio sofrido pelas trabalhadoras por patrões, clientes ou colegas - 2014 .....	67
Quadro 3 - Período de férias: de acordo com faltas injustificadas .....	70

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS**

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa/ UFG- Regional Goiânia

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

EPIs - Equipamentos de Proteção Individual

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	A MULHER TRABALHADORA: A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO .....	19
2.1	Geografia e as questões de gênero no contexto do trabalho.....	27
2.2	A divisão sexual do trabalho e os supermercados: reduto do trabalho feminino .....	31
3	OS SUPERMERCADOS COMO NOVA FORMA DE VENDA A VAREJO .....	38
3.1	O funcionamento dos supermercados.....	45
3.2	Conhecendo a rotina dos estabelecimentos .....	48
4	O TRABALHO NOS SUPERMERCADOS.....	53
4.1	A necessidade de uma atividade remunerada .....	60
4.2	A importância do trabalho e as situações de pressão e desconfortos enfrentados cotidianamente.....	65
4.3	A extensão da jornada diária .....	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	77
	ANEXO .....	80

## 1 INTRODUÇÃO

A presença da mulher em seu ambiente de trabalho é facilmente percebida quando vamos ao supermercado. Nos últimos anos, as antigas mercearias deram origem a novas, amplas e atrativas lojas de livre serviço que incentivam os clientes a consumirem uma elevada quantidade de produtos mesmo que inconscientemente.

Do outro lado do balcão, da máquina registradora, está a mulher que saiu de sua casa nas últimas décadas em busca de trabalho objetivando sua independência financeira, já que com o passar dos anos direitos foram a ela concedidos, como o de votar, escolhendo seus representantes políticos, ou de se divorciar, tornando-se livre e responsável por si mesma.

Porém, contraditoriamente a figura feminina não se tornou livre das responsabilidades domésticas que ainda lhe são uma imposição. Realizar todas as tarefas do lar ainda é, de maneira geral, incumbência da mulher, que não se abate e sai de casa para realizar uma atividade laboral remunerada, enfrentando outra jornada diária quando retorna para casa.

O setor de serviços foi escolhido por apresentar um crescimento expressivo nos últimos anos, por sempre empregar um considerável número de mão de obra, principalmente feminina, e por apresentar as formas mais precárias de exploração da trabalhadora e do trabalhador assalariados.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o cotidiano das trabalhadoras dos supermercados, com o foco nas atividades realizadas tanto no espaço produtivo como no reprodutivo, a fim de entender como o capital se apropria das habilidades femininas para reproduzir-se incessantemente.

Buscou-se traçar um perfil dessa mão de obra trabalhadora para que fossem esclarecidas questões importantes pertinentes a ela, entre elas a razão pela qual o supermercado se tornou nos últimos anos um reduto do trabalho feminino, com exemplos bem claros da existência expressiva da divisão sexual do trabalho e da precarização das condições do mesmo.

As leituras realizadas estavam ligadas a temáticas como o capitalismo, relações de trabalho, a inserção da mulher como trabalhadora, além das discussões relacionadas às questões de gênero e divisão sexual do trabalho numa perspectiva crítica, de modo que a escolha pelo método baseou-se na premissa de que a mulher alcançou sua inserção no mercado de trabalho, sua emancipação, porém essas conquistas vieram acompanhadas da precarização.

A pesquisa foi tomando seu caminho, se construindo ao longo de um período. Antes de serem aplicadas as entrevistas, foram realizados os primeiros contatos para apresentação da

pesquisa e da pesquisadora aos estabelecimentos, sendo que por dois momentos foi necessária a apresentação de documentos para recolher assinaturas dos responsáveis autorizando o estudo. Além disso, foram realizados breves momentos de observação do cotidiano das trabalhadoras.

Ao se propor uma pesquisa, busca-se uma investigação sobre o tema em questão, para que sejam confirmadas as hipóteses levantadas, descobertas novas informações ou até mesmo para que seja negado tudo o que se acreditava ser. Buscando respostas às questões propostas para esta pesquisa, foram traçados caminhos para a execução da mesma. Etapas foram realizadas para que se alcançasse o êxito desejado. Durante todo o estudo, foram realizadas pesquisas de modo a subsidiar o trabalho por meio do referencial teórico pertinente, a partir de reflexões referentes à Geografia, ao capitalismo, ao trabalho, à mulher, à questão de gênero e à divisão sexual do trabalho, baseando-se em autores como Antunes (2009), Carlos (2008), Cisne (2012), Hahner (2003), Hirata (2002), Marx (2010), Nogueira (2004, 2011), Pochmann (2012), Santos (2009) e Santos (1993, 1996, 2004), entre outras autoras e autores que discutem as temáticas acima mencionadas e que foram apresentadas no curso da pesquisa.

A partir dessas reflexões e do referencial acima citado, é que se deu início ao debate e à investigação, já que são autoras e autores que discutem de maneira pertinente e teórica as situações que foram encontradas nos supermercados durante as observações e o contato direto com as trabalhadoras. Para confrontar as observações com a realidade encontrada no cotidiano de trabalho nos supermercados, foram utilizados dados estatísticos e pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

No campo, foi aplicado o roteiro de entrevistas abertas e fechadas, e a princípio buscou-se manter contato com proprietários e/ou encarregados pelos supermercados. Posteriormente, o contato foi realizado com cerca de 20% do contingente de trabalhadoras, que foi levantado no decorrer da pesquisa, totalizando 30 questionários. Tal metodologia foi escolhida por permitir compreender as causas e consequências das questões levantadas, possibilitando que a pesquisadora pudesse, de forma organizada, ouvir a entrevistada e acrescentar perguntas que lhe fizessem sentir-se satisfeita com as respostas, ao contrário da aplicação somente do questionário fechado, em que não são acrescentadas opiniões.

Para a coleta das informações que foram transmitidas pelas funcionárias dos supermercados, foram tomadas medidas e realizadas correções e adequações no projeto de pesquisa e em documentos solicitados pelo CEP (Comitê de Ética e Pesquisa/UFG-Regional Goiânia), o qual apreciou a proposta enviada e deferiu um parecer favorável em relação à mesma, já que precauções foram tomadas em relação a não identificação dos supermercados e das



trabalhadoras, a fim de garantir total segurança para a pesquisadora, para os envolvidos e para as entrevistadas.

Um dos momentos de maior tensão durante a pesquisa foi a submissão do projeto ao CEP/UFG, que solicitou durante quatro meses uma série de correções, alterações e assinatura sem toda a documentação, para a liberação da mesma. A aprovação só foi realizada sob a condição de manter todas as envolvidas e todos os envolvidos no estudo em total anonimato, sendo o município, os estabelecimentos e principalmente as trabalhadoras não identificadas em nenhum momento da pesquisa, a fim de lhes garantir segurança, sem colocá-las em risco durante a exposição das informações coletadas.

A exigência foi fortemente questionada e discutida pela banca composta para o Exame de Qualificação, que avaliou como irrelevante a necessidade do total anonimato, e como dificultosa a realização de uma pesquisa em Geografia sem a devida identificação e localização da área estudada. O caso foi posteriormente analisado pela Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação, que julgou como sendo soberana a decisão do CEP/UFG.

Assim, para os estabelecimentos quando mencionados foram determinados pseudônimos. Do mesmo modo, para evitar transtornos em relação à identificação do município onde foi realizado o estudo, optou-se por não denominá-lo nem mesmo utilizando - se um nome fictício. Além disso, foram citados apenas alguns dados e informações superficiais, que não levam a identificá-lo, o que demandou o descarte de inúmeras informações consideradas relevantes, como os contratos de trabalho das trabalhadoras, a lei municipal que regulamenta o funcionamento dos estabelecimentos aos domingos e feriados nacionais, e principalmente a confecção de um mapa de localização.

A Geografia apresenta sua riqueza de conceitos e categorias que podem ser usadas no âmbito científico juntamente com as demais ciências humanas e sociais. Portanto, fazendo uso dessa premissa, para que a pesquisa alcançasse e concretizasse a discussão de seus objetivos, foi necessária a obtenção de informações para que se obtivessem análises coerentes com a realidade. Para isso, as atividades basearam-se na metodologia de pesquisa qualitativa, apoiada na metodologia quantitativa, utilizando mecanismos para compreender o âmbito social, econômico e cultural, as perspectivas, as reivindicações e as experiências construídas pelas mulheres trabalhadoras. Os dados de pesquisa foram estudados sob uma perspectiva interior, levantados a partir de instrumentos como observação, geralmente participante, entrevistas abertas e fechadas, visitas, notas de campo, além das pesquisas de cunho teórico, documental e de campo.

Questões como idade, grau de instrução, estado civil e quantidade de filhos foram levantadas para que se conhecesse essa mulher que sai de casa para desempenhar uma função

remunerada nos supermercados, observando seus esforços e as dificuldades enfrentadas por ela cotidianamente. O tempo em que trabalha nos estabelecimentos, a função que exerce, a faixa salarial que recebe, o turno de trabalho, a jornada diária, as garantias trabalhistas contribuíram para que se percebesse qual a importância dessa trabalhadora e do trabalho que ela desempenha para os supermercados, avaliando se há ou não a valorização da mão de obra trabalhadora.

Também foram levantadas as situações que causam desconforto à trabalhadora, como pressão pela perda do emprego e assédio. E conhecer o que essa mulher faz quando não está em seu ambiente de trabalho também interessou à pesquisa, que objetivou conhecer e traçar um perfil dessa mulher trabalhadora tanto no espaço produtivo como no reprodutivo. Apresentando as bases que fundamentaram as transformações no cotidiano da mulher na esfera da produção e da reprodução, redefinindo sua trajetória, alcançando uma singela emancipação financeira e ao mesmo tempo tornando-se o proletariado feminino precarizado pelo capitalismo.

Para a mensuração dos dados colhidos, utilizou-se a metodologia quantitativa, na qual a organização dos dados visa quantificar as informações fornecidas que, por meio do estudo estatístico, irão descrever uma determinada situação, caracterizando-a e medindo numericamente as hipóteses levantadas anteriormente, a fim de negá-las ou afirmá-las.

É preciso compreender a evolução da inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como o movimento de emancipação juntamente com as leis que asseguram o trabalho feminino, enumerando as questões pertinentes à divisão sexual do trabalho. Para isso, buscou-se entender as condições de trabalho a que se submetem essas mulheres trabalhadoras, visando obter como resultado final a avaliação das reais situações socioeconômicas, históricas e culturais das trabalhadoras, bem como apontar um perfil social destas mulheres.

A escolha pelos supermercados se deu pelo fato de que atualmente as trabalhadoras e os trabalhadores desse setor experimentam as mais variadas formas de precarização da realização de sua atividade laboral, sendo facilmente identificada a massacrante exploração da mão de obra trabalhadora pelo capitalismo. Além disso, cabe mencionar o fato de que, na última década, a instalação de novos supermercados no município favoreceu esse processo de exploração e precarização das trabalhadoras, o que chamou a atenção da pesquisadora pelas alterações realizadas pela instalação dos mesmos e principalmente por tornar-se um reduto do trabalho feminino, empregando um contingente de mulheres superior ao de homens.

O direcionamento dos estudos está ligado em grande parte à participação da pesquisadora nas discussões realizadas no Grupo de Estudo Diálogos UFG/Regional Catalão, mas também se deve ao fato de já ter sido comerciária, estando por três anos empregada em uma franquia de cosméticos com lojas em todo o Brasil e no exterior, experimentando todos os gostos

da precarização e da tripla jornada diária de trabalho enquanto consultora de vendas, aluna do curso de Geografia e responsável pelos afazeres domésticos.

A pesquisa foi dividida em capítulos antecédidos pela introdução e sucedidos pelas considerações finais. Para o primeiro capítulo, buscaram-se as bases teóricas para a fundamentação do estudo, apresentando as discussões relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho, as questões de gênero e a divisão sexual do trabalho. Para o segundo, capítulo ficou reservada a caracterização da área de estudo, apresentando-se o surgimento dos supermercados, o horário de funcionamento e a descrição da rotina diária das lojas.

Para finalizar, o terceiro capítulo apresenta os dados empíricos, demonstrando a realidade constatada durante o trabalho de campo com a realização das observações e das entrevistas com as trabalhadoras. Informações como idade, quantidade de filhas e filhos, escalas de trabalho são apresentadas, bem como faixa salarial, participação da trabalhadora no orçamento doméstico, e a descrição da dupla e até tripla jornada diária de trabalho, apontando as tarefas que realizam tanto nos estabelecimentos como em suas casas. As comerciárias descreveram a importância que o trabalho nos supermercados toma em sua vida profissional e pessoal, as dificuldades encontradas durante a realização de suas escalas diárias, suas satisfações e insatisfações.

Todas essas informações foram de fundamental importância para a realização do estudo, que não seria possível sem a coleta de dados que foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2014 nos supermercados, época em que foram acompanhados vários momentos da rotina diária de trabalho de mulheres que saem de casa para exercer uma função remunerada em busca da dignidade, de liberdade e da possibilidade de uma emancipação financeira.

## 2 A MULHER TRABALHADORA: A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Realizar múltiplas tarefas diariamente, como cuidar da casa, dos filhos, do marido e desempenhar os diversos papéis, sendo dona de casa, mãe, filha, esposa, estudante, trabalhadora, é um desafio para a mulher dos tempos atuais, que por sair de casa e assumir uma função, um espaço no mercado de trabalho, enfrenta a dupla jornada e supera os obstáculos ao longo dos anos.

É preciso reconhecer a presença da mulher no cenário histórico de lutas e conquistas pelo reconhecimento de suas capacidades físicas, intelectuais e laborais. Assim, a pesquisa tem como sujeito de suas investigações a mulher trabalhadora do comércio, tomando como referências as comerciárias trabalhadoras dos supermercados, com a finalidade de reconhecer as transformações decorrentes da inserção da mão de obra feminina no mundo do trabalho, bem como o que de fato ainda resiste no que se refere ao papel da mulher na sociedade e também o que persiste em se manter presente no espaço doméstico.

O principal propósito é analisar o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, caminhando pela sua história de conquistas e constantes lutas, como também enfatizando as transformações ao longo dos tempos nas formas de organização e exploração do trabalho e principalmente nos modelos atuais, os quais sofrem total influência da globalização ou mundialização do capital, que trouxe mudanças para as atuais formas dominantes de venda no varejo e exploração da mão de obra trabalhadora.

Por anos, a vida da mulher se construiu – ou se desconstruiu – a partir de negações, sem direitos ao convívio e responsabilidades sociais. A sexualidade e as atividades profissionais também eram a ela negadas, e “ela própria [fazia] parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido” (BEAUVIOR, 1980, p. 103). Hoje, não se pode mais afirmar que lugar de mulher é dentro de casa e que cuidar dos filhos, do marido e dos afazeres domésticos é tarefa somente dela, uma vez que cabia somente a ela o espaço privado e, ao contrário de ontem, hoje a mulher frequenta e está se inserindo de maneira mais expressiva na esfera pública.

A mulher atual sai de casa para trabalhar, estudar, casa-se, divorcia-se, mora sozinha ou com filhas e filhos, enfrentando dificuldades como preconceito, violência e discriminação para conquistar cada vez mais um espaço de reconhecimento na sociedade, e conseqüentemente de destaque no mercado de trabalho.

É importante deixar bem explícito nesse momento que as análises, os exemplos e as

constatações aqui registradas se referem ao contexto ocidental, que, ao longo dos tempos, principalmente com os modelos atuais de acumulação de capital, permitiu a entrada e uma maior participação da mulher no mundo do trabalho, especificamente a brasileira, que nas últimas décadas vem experimentando os antagonismos da profissão remunerada e da precarização simultaneamente.

Ao longo dos tempos, várias foram as formas de composição das famílias. A mulher possuía destaque em alguns momentos da formação familiar, quando vista como fundamental para a manutenção da mesma, ocupando papel de destaque. Mas a família, como um todo, em todos os estágios da história da civilização e nos diversos países e nas mais variadas culturas e costumes de todo o mundo, passou por processos de transformação, inclusive em relação ao papel da mulher. A família matriarcal, por exemplo, sofreu discriminação, preconceitos e foi praticamente extinta em decorrência do surgimento da propriedade privada, da acumulação de bens e da incessante necessidade da detenção de poder, que centralizou o poder nas mãos dos homens, quando as formas de descendência foram se reconfigurando. Assim, o direito materno, que era exercido no casamento por grupos, sendo que a descendência só contava por linha feminina, deu lugar ao direito hereditário paterno, e a mulher se tornou insignificante, servindo apenas como instrumento de procriação (ENGELS, 2012, p.76-77).

O homem impera, possuindo total poder na tomada de decisões e no comando de uma família norteada pelo patriarcado, que mais tarde torna-se monogâmica a fim de gerar sucessores legítimos, os quais se tornarão herdeiros das fortunas acumuladas por seu pai. A família monogâmica se baseia no predomínio do poder do homem e segundo Engels (2012), sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível e essa paternidade é exigida porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai.

A família monogâmica, em sua verdade, transforma-se em família patriarcal, pois o homem é quem comanda, principalmente no que se refere à fidelidade conjugal. O homem mantinha relações com quantas mulheres desejasse, uma vez que, sendo rico, obtinha posses e dentre elas, mulheres. As esposas não possuíam o mesmo direito e cabia a elas aceitar toda e qualquer forma de infidelidade, mantendo-se a frente das questões domésticas. Assim, a família monogâmica foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente. (ENGELS, 2012, p. 87)

A mulher não escolhia seu marido, o casamento era um negócio por conveniência e objetivava a manutenção das riquezas acumuladas nas mesmas mãos. Isso exigia a fidelidade por

parte dela, que era obrigada a produzir filhos legítimos do casamento, ao contrário do homem que livremente praticava a poligamia. De dominação patriarcal, quando jovem e solteira era seu pai o seu dono, que transmitia sua propriedade ao seu marido quando essa se casava. O mesmo possuía o direito de impor-lhe castigo corpóreo quando julgasse necessário. A ela, restava somente obedecer às ordens do marido, tornando-se apenas um vulto do mesmo sem o direito de estudar, não recebia qualquer instrução e tampouco poderia exercer uma profissão. Não podia receber herança e não podia ficar com os filhos em caso de uma separação conjugal. Sempre foi considerada menor e incapaz, necessitando da tutela de um homem, fosse seu marido ou não. (SAFFIOTI, 2013, p.62).

Casava-se com pouca idade, entre os doze e treze anos, jovem e bonita, e por gerar muitos filhos logo se apresentava envelhecida. Enclausurada em sua residência, coordenava os serviços das escravas e escravos e cuidava da família. Quando casada e detentora de posses, não podia sair de casa e se expor com frequência nas ruas ou em outros locais públicos, estando apenas nas igrejas para participar de missas, caso contrário colocaria em risco a sua honra e a de toda sua família. Em casos de viuvez, a mulher tornava-se livre e tomava frente dos negócios da família, e assim podia frequentar lugares públicos.

Em meados do século XIX, a mulher da classe alta brasileira, influenciada pelos costumes europeus, experimenta uma mudança de comportamento, com uma expressiva transformação na forma de vestir e uma notável presença em igrejas, festas e teatros (HAHNER, 2003, p.50). Já a mulher pobre era livre para circular em ambientes públicos, trabalhar fora de sua casa exercendo as tarefas de cozinheira, doméstica e costureira, sendo todas elas atividades relacionadas ao ambiente doméstico, necessárias para garantir o seu sustento.

Em certo momento, para a brasileira pobre, o trabalho doméstico tornou-se a única oportunidade de emprego remunerado fora de casa. Em 1920, 82% de todas as empregadas domésticas eram mulheres (HAHNER, 2003, p. 55), sendo que essa profissão empregava um número maior de mulheres do que o trabalho de costureira, que era outra atividade laboral mais comum exercida por elas.

Mesmo com todos os impedimentos, de uma maneira ou de outra a mulher sempre trabalhou realizando tarefas relacionadas ao trabalho doméstico. O histórico de lutas, enfrentamentos e conquistas no que se refere à busca pelo reconhecimento enquanto integrante de uma sociedade e agente da construção e da manutenção da mesma nos demonstra a força, a determinação e a capacidade de alcançar as mudanças almejadas. Em seu conjunto, o movimento reformista que se desenvolve no século XIX é favorável ao feminismo, pelo fato de buscar a justiça da igualdade (BEAUVIOR, 1980, 147). A busca pela igualdade se dá pela necessidade de

ter os mesmos direitos e deveres que os homens, e principalmente as mesmas oportunidades de vida, trabalho, nas heranças, na sexualidade, na capacidade de poder realizar suas escolhas, impor suas preferências e tomar suas próprias decisões.

A brasileira conseguiu, a partir de 1824, com a Constituição do mesmo ano, o direito de estudar, frequentando escolas destinadas à educação da mulher, que não eram frequentadas por homens, e que tinham uma educação voltada para os ensinamentos domésticos e trabalhos manuais. Ela encontra na alfabetização o caminho para a mudança, a possibilidade de criar expectativas de um futuro promissor, com oportunidades de emprego e ascensão profissional. Conforme afirma Hahner,

A leitura e a escrita, além de possibilitarem o aprendizado de novos tipos de habilidade, produzem mudanças no comportamento tradicional. Facilitando a ampliação de uma rede de comunicações originariamente restrita, podem estimular o melhor julgamento de uma opinião local, porque permite o acesso a outros pontos de vista. Para as mulheres, a redução da disparidade nos índices de alfabetização entre homens e mulheres tem, por certo, tremendas implicações, ajudando-as a entrar num mundo vasto. (HAHNER, 2003, p. 56)

Isso causava estranhamento e aversão por parte dos homens, que já sabiam que através dos estudos haveria a possibilidade de revolução, e afirmavam que a mulher deveria ler apenas os livros religiosos com suas orações, ou no máximo receitas para cozinhar para sua família. Temia-se o que uma mulher seria capaz de fazer ao receber uma bagagem considerável de conhecimento e instrução que anteriormente era matriculada em uma escola que ensinava-se a ela somente o que fosse considerado necessário para viver em sociedade. (HAHNER, 2003, p. 73) Mulheres e homens passaram a estudar juntos somente a partir do século XX.

Na década de 1930, com o Código Eleitoral (BRASIL, 1934-7) a mulher alcança o direito ao voto, podendo escolher seus representantes políticos. O direito vinha sendo reivindicado desde o século XIX, já que mesmo antes da Proclamação da República as mulheres já buscavam conquistar o direito de elegerem governantes e tornarem-se elegíveis, obtendo a igualdade dos direitos e deveres para o exercício da cidadania. Ao passar dos anos, foram destinados à mulher direitos em relação às leis trabalhistas, como a proibição do trabalho noturno, licença maternidade e férias. Objetivando obter o reconhecimento social as mulheres revolucionárias levantaram questões relacionadas à desigualdade existente entre mulheres e homens no ambiente externo e também no privado.

Por vários momentos, a mulher teve e tem até os dias atuais que lutar pelo reconhecimento e valorização de seu trabalho, de seus feitos e competências, constituindo a problemática que por toda a história feminina torna-se um entrave na vida de praticamente todas

as mulheres que hoje desempenham diversos e distintos papéis. Compreender contemporaneamente a *classe-que-vive-do-trabalho* desse modo ampliado, como sinônimo de *classe trabalhadora*, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes. (ANTUNES, 2009, p.104, grifos do autor) transformações que ocorreram ao longo dos tempos e ocorrem até os dias atuais, e que são ditadas pelos interesses e o pelo poderio do capital.

As cidades cresceram e se modificaram, e com o avanço da indústria e do comércio surgiram oportunidades de emprego. Assim, no início do século XX, começaram a surgir mulheres profissionais no Brasil (HAHNER, 2003, p. 196), inseridas em profissões de baixo prestígio social e remuneração miserável, para que não tivessem oportunidade de ascensão profissional e social. Porém, aos poucos ela foi ocupando cargos no serviço público, no comércio e nas telecomunicações, conforme descreve Hahner,

À medida que o governo melhor se estruturava, bem como o comércio, as finanças, e as comunicações evoluíam, surgiram cargos ou foram oferecidos empregos que puderam ser ocupados por mulheres habilitadas e instruídas. [...] No final do século XIX, as mulheres tinham começado a trabalhar nos serviços do novel Departamento dos Correios e Telégrafo e os que surgiram com as recém-instaladas ferrovias. As repartições do governo, que não costumavam admitir mulheres, passaram a incluir um pequeno, mas cada vez maior contingente feminino. (HAHNER, 2003, p. 201).

Para a mulher negra, as condições eram ainda mais dificultosas e desfavoráveis. Mesmo após a abolição, a conquista da tão desejada alforria não libertou a mulher negra dos trabalhos de mísera remuneração, nem da falta de reconhecimento social como vendedoras ambulantes, em serviços domésticos e até mesmo como prostitutas. Ser negra e também ser mulher era uma dupla desvantagem (HAHNER, 2003, p. 207). Raramente tinham a oportunidade de serem empregadas no comércio, em escritórios ou como servidoras públicas, e tampouco podiam estudar para alcançar profissões consideradas de acesso à elite, se graduando como médicas ou advogadas, por exemplo.

De acordo com Nogueira (2004), a década de 1970 foi um período que marcou expressivos acontecimentos para o movimento feminista. Era então o momento de lutar em busca da emancipação política e econômica, pelo alcance do direito ao trabalho com salários iguais para trabalhos iguais, o que não se alcançou de maneira satisfatória até os dias atuais, assim como a libertação, mesmo que parcial, da dupla jornada de trabalho, com uma divisão mais justa das tarefas no espaço reprodutivo, com mulheres e homens dividindo as responsabilidades, as tarefas e os compromissos domésticos de maneira igualitária, uma vez que o lar, filhas e filhos pertencem ao casal.



Ao mesmo tempo, a partir da década de 1970, principalmente no setor da indústria, são perceptíveis modificações na economia capitalista que afetaram diretamente o mundo do trabalho. Com a crise do modelo taylorista/fordista, surgiram e desenvolveram novos modelos de reprodução do capital. A forma ou o modelo japonês de produzir, conhecido como toyotismo, trouxe um novo modelo de produzir baseado na produção de acordo com a necessidade do mercado, sem estoques em depósitos tanto de peças como da produção final, utilizando-se de um quantitativo reduzido da mão de obra trabalhadora e intensificando a jornada de trabalho da mesma com a definição de múltiplas tarefas a serem realizadas como, por exemplo, a inspeção de mais de uma máquina durante o processo de produção.

A difusão de novas tecnologias, que alcançaram uma escala global, trouxe uma nova forma de exploração da mão de obra trabalhadora, como a produção em tempo reduzido com menor custo e conseqüentemente maior quantitativo de lucro, um processo conhecido como reestruturação produtiva que se desenvolveu a partir da crise do modelo fordista de produção e que significa uma nova expressão do processo de racionalização do trabalho. (NOGUEIRA, 2004, p.31).

O mundo do trabalho sofreu transformações nas últimas décadas em decorrência da automação, da inserção da tecnologia e da robotização nas fábricas, ocasionando a substituição da mão de obra industrial pelas máquinas e acarretando a conseqüente migração da classe operária industrial para outros setores da economia, originando o proletariado assalariado ocupando postos de trabalho principalmente no setor de serviços.

O modelo da nova forma de acumulação flexível torna a economia mundializada e proporciona a entrada de grandes redes do comércio varejista em diversos países do mundo, inclusive o Brasil, por ser o caminho pelo qual a produção industrial alcança o consumidor final, objetivando a reprodução do capital e influenciando e até mesmo forçando uma significativa mudança na estrutura das lojas de acordo com as exigências do mercado.

Para que fosse alcançado o poderio, a supremacia do capital e a dominação da burguesia, instala-se uma nova forma de exploração e apropriação da mão de obra, o trabalho precarizado, que está presente nos trabalhos temporários, nas jornadas em regimes parciais, na exploração e exclusão dos jovens, negros, aqueles com idade acima de 40 (quarenta) anos e principalmente as mulheres, a quem foram destinados os trabalhos de menor remuneração e prestígio social, sem a garantia das mínimas possibilidades de ascensão profissional, além das inúmeras atividades a serem realizadas dentro e fora de seus domicílios, como aponta Antunes:

o capital tem sabido também se apropriar intensificadamente da polivalência e

multiatividade do trabalho feminino, da experiência que as mulheres trabalhadoras trazem das suas atividades realizadas na esfera do trabalho reprodutivo, do trabalho doméstico. (ANTUNES, 2009, p.109).

Anterior a esse processo, vale ressaltar o advento da Revolução Industrial e a afirmação da burguesia como classe social que passou então a dominar a vida econômica, e fez surgir o proletariado feminino, que, em decorrência do desenvolvimento das indústrias, deixou o trabalho no lar e o transferiu para as fábricas. Estando o homem presente nas áreas mais valorizadas das fábricas, ocupando cargos que exigiam um maior conhecimento técnico, a mulher assume as funções de trabalho manual com menor exigência de qualificação, na maioria dos casos realizando trabalhos repetitivos e em regimes temporários, com miseráveis salários e jornadas abusivas, tornando-se uma desigualdade muito evidente na vida da trabalhadora que sofre com as consequências das imposições do capital. Nesse processo, verificamos uma intensificação da inserção feminina no mundo do trabalho, já que a maquinaria pode dispensar o uso da força muscular (NOGUEIRA, 2004, p.8).

A Revolução Industrial se inicia no século XVIII na Europa, mais especificamente na Inglaterra, e perdura até os dias atuais, sendo o século XIX marcado pela sua expansão em países europeus, além dos Estados Unidos, com a utilização de novas fontes de energia, como a elétrica e os combustíveis fósseis. Avançando pelos séculos XX e XXI, a revolução alcança praticamente todos os países do globo, com as invenções tecnológicas e como desenvolvimento na área das telecomunicações, com os aparelhos celulares e os computadores juntamente com a internet, a robótica e as descobertas no ramo da medicina e na genética. Todas as invenções direcionadas a um objetivo, o aumento da quantidade de produtos fabricados em um menor espaço de tempo, a fim de obter maior lucratividade durante o processo de produção de mercadorias, resultando na maior acumulação de capital.

Também as Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) impulsionaram a participação da mulher no mercado de trabalho, quando o homem saiu de sua casa indo para os campos de batalha, deixando o comando das famílias para a mulher, que assumiu as responsabilidades do lar, os negócios e os postos de emprego. Ao findar das guerras, muitos maridos haviam morrido ou ficado impossibilitados de trabalhar, por estarem mutilados. Assim, a mulher sai de sua casa para trabalhar e desempenhar o papel de provedora financeira da família. As mulheres eram instadas a aceitar pelo menos trabalho em tempo parcial, o que significava um grande encorajamento ao emprego de casadas (SAFFIOTI, 2013, p.80). A mulher saía para trabalhar a fim de garantir o sustento de sua família e por trabalhar fora em tempo parcial podia realizar as tarefas domésticas quando chegava de seu emprego, sendo a responsável financeira do

lar e ao mesmo tempo também das tarefas domésticas, realizando múltiplas jornadas laborais.

O capitalismo se aproveita da necessidade que a mulher tem de mostrar que pode realizar os mesmos trabalhos que o homem, alguns momentos se sujeitando a condições de precariedade em sua função laboral, conforme afirma Antunes (2009):

Vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados e tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado [...] Sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. (ANTUNES, 2009, p.105, grifos do autor).

A precarização está presente na forma como é desempenhada a atividade laboral, em relação às condições em que a trabalhadora ou o trabalhador realiza essa atividade. O capital visa constantemente aumentar a produtividade e isso se dá por meio da exploração da força de trabalho, o que tem como principal consequência a precarização do mesmo. Assim, a flexibilização, a polivalência e a intensificação são as principais exigências para a realização do trabalho para o mundo atual, que exige maior polivalência do trabalhador para o exercício de múltiplas tarefas (POCHMANN, 2012, p. 45).

A substituição da mão de obra humana pela maquinaria, o que faz com que a grande maioria das trabalhadoras e dos trabalhadores seja dispensada, e apenas um mínimo do efetivo anterior realize as tarefas atuais, sendo responsáveis pelo funcionamento de várias máquinas e a realização de múltiplas funções simultaneamente, a redução das horas trabalhadas dando lugar à forma intensificada de produzir mercadorias em grande quantidade em intervalo de tempo menor, a cobrança de resultados por parte dos empregadores para toda a equipe, tornando empregadas e empregados responsáveis diretos pelo sucesso ou fracasso nos resultados, os baixos salários, as jornadas parciais, a inexistência de sindicatos de classe, escalas de trabalho aos sábados, domingos e feriados, a instabilidade no emprego, o descumprimento das leis trabalhistas e as omissões em relação aos direitos trabalhistas são formas de precarização da atividade laboral.

A terceirização também é uma das estratégias utilizadas pelo capital para reproduzir-se, já que objetiva reduzir o valor pago pelo trabalho realizado. Geralmente são contratadas empresas prestadoras de serviços terceirizadas nos supermercados, para realizar funções como a de gestão de recursos humanos, para facilitar o processo de contratação e demissão de pessoal ou de limpeza das lojas ou ainda de realização de entregas de compras nos domicílios dos clientes, naqueles estabelecimentos que disponibilizam esse tipo de serviço.

A mulher entra na busca pela conquista do seu espaço no mercado de trabalho, e ao

alcançar o direito de trabalhar enfrenta e supera barreiras que a obrigam a assumir vários papéis, que vão além do de provedora econômica, já que a educação das filhas e dos filhos, juntamente com as atividades domésticas, ainda são responsabilidades femininas, como observa Antunes (2009):

A mulher trabalhadora, em geral realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa [...] E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo [...] no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital a sua reprodução). (ANTUNES, 2009, p.108).

A dupla jornada de trabalho também é vista por Nogueira (2011), que evidencia que a mulher trabalhadora padece de uma dupla (e às vezes tripla) e desigual jornada, tanto no espaço do trabalho quanto no universo da reprodução. Ao abordar as questões de exploração do trabalho pelo capital, evidencia-se a questão de gênero e a divisão sexual do trabalho que se tornam fatores norteadores da discussão e que serão discutidos e apresentados constantemente no decorrer da pesquisa.

## **2.1 Geografia e as questões de gênero no contexto do trabalho**

A pesquisa tem como foco norteador de suas discussões a maior participação da mulher no mercado de trabalho, o enfrentamento contra a imposição do patriarcado, um fenômeno denominado de feminização do mundo do trabalho (NOGUEIRA, 2004). Na busca pela compreensão desse fenômeno, é instigante que se faça uma reflexão sobre a relação entre o capital, trabalho e gênero. Pois quando nos referimos à inserção da mulher no mercado de trabalho é necessário então remeter-nos às dimensões de classe, às relações de gênero e, particularmente às inter-relações existentes entre elas (NOGUEIRA, 2004, 26).

É preciso também, enquanto geógrafa, pensar a relação existente entre a Geografia e as questões de gênero, já que a maior participação da mulher no mercado de trabalho ocasionou uma desestrutura em uma sociedade patriarcal, na qual o homem era o detentor da força, sabedoria, decisão e do poder, modificando fundamentalmente as estruturas das relações sociais, resultado da quebra de uma estrutura social. Logo, a Geografia, como ciência que estuda a produção do espaço como resultado de uma produção social, torna-se importante vetor de estudos, análises e discussões sobre assuntos, temas e categorias aqui expostos.

A categoria gênero foi criada e começou a ser utilizada a fim de apresentar e discutir sobre a discriminação sofrida pela mulher nas mais distintas esferas do social, político e econômico, no final da década de 1970 e nos anos iniciais da década 1980, por intelectuais que percebiam a necessidade de discutir sobre as transformações das relações sociais que alcançavam também o mundo do trabalho. No mundo inteiro, iniciou-se um trabalho metódico, pontual, de crítica de todas as estruturas do patriarcado e da sociedade de classes – seja do ponto de vista prático, vivencial, como da perspectiva teórica (PUPPIN & MURARO, 2001, p.7).

A construção do conceito de gênero deu-se à medida que estudiosas feministas, que não serão aqui nomeadas individualmente, passaram a apresentar suas reflexões referentes à relação de dominação e subordinação da mulher ao homem, bem como suas estratégias para o enfrentamento contra as desigualdades que foram e ainda lhes são impostas, uma vez que é da contradição de classe que emergem as desigualdades, opressões e explorações que marcam a vida das mulheres trabalhadoras (CISNE, 2012, p. 89). A mulher vive a opressão de classe e gênero desde os primórdios dos tempos, com a responsabilidade da reprodução e criação das filhas e filhos e as tarefas domésticas e, entre as próprias mulheres existia a divisão sexual do trabalho, quando as mulheres escravas serviam a suas senhoras e as camponesas colaboravam com seus maridos no plantio e cuidado das lavouras, e depois realizavam sozinhas os serviços da casa. De certo modo isso ainda se dá nos dias atuais, quando a mulher alcança seu espaço no mercado de trabalho, estuda e exerce uma profissão remunerada, e para que não seja obrigada a realizar múltiplas tarefas laborais e duplas jornadas, transfere suas responsabilidades domésticas a outra mulher, contratando a mesma para cuidar dos afazeres domésticos.

A atualidade exige que se construa uma nova forma de se pensar na mulher, no feminino, enquanto construção de seu próprio espaço, e a Geografia está a frente dessa discussão, uma vez que estudar a inserção da mulher no mercado de trabalho torna-se relevante para a sociedade, que recebe uma nova mulher, a qual, enquanto realiza sua atividade laboral, causa transformações em uma estrutura hierárquica patriarcal e altera o cenário global como um todo. Nesse sentido, a perspectiva de análise de gênero possibilita perceber que a subalternidade conferida às mulheres é resultado de uma construção social, portanto, histórica, e não de uma essência natural feminina (CISNE, 2012, p. 22), e que pode, então, ser modificada, já que a mulher busca constantemente seu reconhecimento na sociedade em que vive.

A mulher entra na história como sujeito, e se torna agente transformador de uma sociedade moldada em estruturas patriarcais de dominação e exploração de sua mão de obra dentro e fora do espaço reprodutivo, de acordo com Puppini & Muraro:

O que queremos dizer em última instância é que a entrada da mulher como sujeito maior na história começa a transformar a estrutura da força de trabalho de países, na prática, bem como a administração do Estado e do mercado econômico. Além disso, implica, também, em uma nova visão das ciências, não só humanas com também exatas. (PUPPIN & MURARO, 2001, p.9)

Estudar o trabalho feminino torna-se cada dia mais necessário, pois é notável a crescente participação da mulher nos diversos setores da economia, da política e do social como um todo, e que no momento é posto em questão o cotidiano de inúmeras mulheres no mercado de trabalho, mostrando a evolução e a superação, bem como as conquistas profissionais.

Ao sair de casa e ir para o trabalho, a mulher transforma todo um sistema histórico e social em que o patriarcado é predominante, ela a torna sujeita da submissão e da exclusão social, quando o marido é o provedor financeiro da família e a mulher realiza o trabalho doméstico não remunerado e quando ela sai de casa para trabalhar se torna apenas uma provedora complementar, confirmando a desigualdade na divisão sexual do trabalho (NOGUEIRA, 2011 p.23), sendo que, por muitos momentos, a realização de sua função e sua jornada laboral é vista pelo homem como insignificante, incapaz de desgastar a trabalhadora física e mentalmente, sendo a ela negado o direito de queixar-se de cansaço, ou de ter momentos de folga e descanso. Em muitos casos, lhe é diminuído ou desmerecido o valor de seu dinheiro, conquistado pelo seu trabalho.

A mulher trabalhadora realiza trabalhos determinados pela sociedade como masculinos em troca de remuneração inferior. Possui, em alguns casos, qualificações semelhantes ou até mesmo superiores às dos homens, mas encontra dificuldades em alcançar os cargos de chefia e salários compatíveis quando homens e mulheres realizam a mesma tarefa. Estão empregadas em trabalhos de baixa remuneração salarial e em muitas situações as profissões se tornam extremamente femininas, realizadas apenas por elas. A esse respeito, os dados do DIEESE (2010) apontam que:

A inserção da mulher no mercado de trabalho vem ocorrendo, historicamente, de forma mais desfavorável em relação aos homens sob diferentes aspectos: forma de ocupação, condições de trabalho, remuneração etc. Esta situação reflete, em parte, a entrada tardia da população feminina no mercado de trabalho, mas também confirma a discriminação que a atinge. Isto torna a mulher tema frequente de estudos e pesquisas que, além de denunciar a situação vivenciada pelas trabalhadoras, indicam possibilidades de políticas a serem implantadas com vistas a superar a situação de precariedade. (DIEESE, 2010, p. 76).

Sua remuneração mensal, em muitos casos, não está apenas como complemento da renda mensal da família, mas sim assumindo o papel principal no orçamento familiar. Então, por isso, a mulher está presente no mundo do trabalho não apenas pela necessidade de emancipação,

mas também para suprir as suas necessidades básicas de sobrevivência, realizando sua atividade laboral nas tarefas de menor remuneração salarial, conforme indica Nogueira (2011, p. 29) quando afirma que “a acentuada inserção da mulher no mundo do trabalho se dá prioritariamente nos espaços dos empregos precários, de baixos salários, de tempo parcial (ou nas jornadas de meio período), ou seja, com forte exploração da força de trabalho”.

Assim, a mulher trabalhadora permanece presente nas formas mais precarizadas de exploração do trabalho, como nos setores informais da economia, com uma acentuada diferença salarial em relação aos homens. Quando sai da informalidade, realiza trabalhos destinados exclusivamente para ela, em profissões que tomaram contornos e perfis socialmente femininos, como secretárias, enfermeiras, balconistas, vendedoras e professoras, trabalhos que são associados com a calma, dedicação, amor, atenção, serenidade, responsabilidade, capacidade de contornar os conflitos, entre outros valores e sentimentos tidos como femininos.

Consequentemente, a expansão do trabalho feminino tem se verificado sobretudo, no trabalho mais *precarizado*, nos trabalhos em regime de *part time*, marcados por uma *informalidade* ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuados em relação aos homens, além de realizar jornadas mais prolongadas. (ANTUNES, 2009, p.108, grifos do autor)

A trabalhadora dos supermercados, a comerciária que vivencia em seu cotidiano o processo de precarização do trabalho e da condição de ser mulher, enfrenta duplas jornadas diárias, realizando tarefas dentro e fora de casa. Trabalhando nos supermercados com jornadas em regimes parciais, com o prolongamento dessas jornadas sem o recebimento de acréscimo salarial, que, quando ocorre, é pago em folgas, mas sem o direito da trabalhadora de escolher os dias assim, o estabelecimento em muitos casos escolhe os dias durante a semana, por serem os de menor movimentação de clientes e vendas, e as mulheres permanecem sendo obrigadas a trabalhar sempre aos sábados, domingos e feriados. A designação de múltiplas tarefas, como passar as compras, informar o valor, receber, dar o troco, embalar, cuidar da limpeza dos balcões, repor as mercadorias expostas, receber boletos e realizar recarga de celular, exige da trabalhadora polivalência e intensidade na realização de suas atividades.

A discussão sobre a categoria trabalho, assim como também as questões de gênero, aparecem no cenário da Geografia, enquanto estudo das transformações do cotidiano a partir das relações de produção e reprodução do espaço, uma vez que a divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados (CISNE, 2012, p. 109). As questões acima mencionadas serão retomadas em discussão, à medida que forem

apresentados os dados colhidos na realização do trabalho de campo, no qual se faz um diálogo constante e intenso entre o conhecimento acadêmico e o empírico colhido durante o contato com as trabalhadoras.

Pensar na mulher hoje é pensar em um ser forte, corajoso, capaz de enfrentar com garra os desafios que surgem cotidianamente. É o ser que foi capaz, ao longo dos anos, de quebrar barreiras que foram impostas de maneira nada sutil. E ao tomar os contornos da pesquisa, o que mudou foi que ir ao supermercado deixou de ser uma atividade rotineira. Estar em um estabelecimento comercial como o acima citado tornou-se um momento de intensa observação, onde as ações, reações, emoções, os risos, os rostos cansados, às vezes enfurecidos despertaram dúvidas e por vezes transmitiram certezas.

A presença da mulher como trabalhadora dos supermercados nos obriga a pensar nas questões de gênero existentes em um ambiente de reduto do trabalho feminino, que é geralmente fiscalizado, gerenciado e chefiado por homens, que ocupam os cargos de comando, dando ordens e tomando decisões que atingem diretamente o cotidiano de trabalho da mulher trabalhadora.

## **2.2 A divisão sexual do trabalho e os supermercados: reduto do trabalho feminino**

Para a sociedade, é uma atitude comum estipular, determinar e ensinar que menina e menino são diferentes uns dos outros. Culturalmente, a sociedade pré-determina os arranjos, ao vestir a menina de rosa e o menino de azul, determinando quais são os brinquedos de um e de outro, e principalmente criando estereótipos ao cobrar que a menina expresse sentimentos de amor, carinho, fraternidade, companheirismo enquanto o menino não pode chorar e deve exibir sua força.

Moraes (2002, p. 47) afirma que o sexismo está presente também na linguagem, quando palavras e expressões masculinas se sobressaem ao feminino, como, por exemplo, falar em sala dos *professores* e em *alunos* de maneira geral, ou *trabalhadores*, entre outros. Assim como também afirmar que o principal responsável pela degradação ambiental é o *homem*, quando o certo seria afirmar que são as *pessoas* as causadoras de tal ação.

A televisão, por meio de programas destinados ao público feminino, especificamente com receitas de culinária, dicas de moda e comentários de novelas, reforça a ideia de ausência da compreensão dos assuntos sérios, da futilidade de seu pensamento e de que mulher só serve para



cozinhar, limpar, cuidar da casa, dos filhos e filhas, ou para os assuntos considerados supérfluos, tais como moda, viagem e salão de beleza (MORAES, 2002, p. 47)

As propagandas são narradas em sua maioria por homens a fim de transmitir credibilidade, estabelecendo a perpetuação do poder masculino (ibidem, p. 56). Do mesmo modo, as campanhas publicitárias dos bancos, carros, futebol estão sempre direcionadas ao público masculino, enquanto as de produtos de limpeza, alimentos, decoração, cuidado com as filhas e os filhos estão voltadas para o feminino.

Essa formação que se inicia na infância prolonga-se até a vida adulta e está expressa por meio da divisão sexual do trabalho, quando o que ocorre enquanto criança cria uma mulher adulta submissa e um homem adulto superior, dominador. Essa formação servirá à preparação das mulheres para o trabalho produtivo (HIRATA, 2002, p.136).

De acordo com Hirata (2002), que toma como exemplo o Japão, o patriarcado aparece ditando as regras da divisão sexual do trabalho na escrita quando se refere à mulher com símbolos relacionados à reprodução,

A primeira marca do patriarcado na divisão do trabalho segundo os sexos aparece no nível da escrita. Na análise de um certo número de caracteres chineses, utilizados hoje no Japão, em que a partícula *mulher* aparece, percebe-se que todos esses ideogramas representam a ideia de reprodução sexuada, reprodução da espécie e divisão de trabalho entre os sexos [...] Essa divisão do trabalho de acordo com os sexos, indicada no nível da escrita, é praticada desde o nascimento, reforçada por ritos e marcada por inúmeros símbolos. (HIRATA, 2002, p.134-135, grifo da autora)

Como já dito anteriormente, as escolas dos tempos passados, como no século XIX, no Brasil, ofereciam salas para meninas e salas para meninos, com educação diferenciada. Aulas de costura e tarefas domésticas eram oferecidas para as meninas, e mesmo quando recebiam aulas comuns aos meninos, como cálculos, por exemplo, essas eram realizadas de forma inferior, apenas superficialmente. Mesmo a aritmética exigida nas escolas femininas era inferior à ensinada aos meninos (HAHNER, 2003, p. 76).

Para a época, era também inaceitável a presença da mulher estudando em uma universidade, de modo que, quando era rica, mudava-se para países estrangeiros para cursar o ensino superior. À mulher sem recursos financeiros para mudar-se do país, que insistia em estudar, cabia frequentar a Escola Normal e tornar-se professora, uma profissão dita socialmente feminina, destinada a mulher, por estar associada ao cuidado do lar e com as crianças, por envolver carinho, amor e dedicação, sentimentos que só poderiam ser expressos por uma mulher. O magistério era geralmente extensão do tradicional papel de nutriz, num sentido amplo, da mulher-mãe (HAHNER, 2003, p. 80), o que tornou a profissão de professora essencialmente uma

prática laboral da mulher. Quando realizada pelo homem, ele era remunerado de forma diferenciada e superior, como afirma Hahner:

Foi intensa, por conseguinte, a substituição de homens por mulheres (sempre pior remuneradas que eles) nas salas de aula das escolas primárias nacionais no final do século XIX. O ensino passou a ser, então, um trabalho mais digno que qualquer outro para as mulheres com educação e algum status. Por isso, não eram poucas as que almejavam se dedicar ao magistério, não lhes importando o fato de que seriam remuneradas com salários mais baixos do que os de homens. (HAHNER, 2003, p. 81)

Algumas profissões, como a medicina e a advocacia, eram destinadas apenas à prática masculina, e teve por parte dos homens uma relevante resistência em aceitar a mulher como médica, advogada e servidora pública. Além de tampouco ser reconhecida como escritora, por ser colocada em dúvida sua capacidade intelectual, sendo apontada como incapaz de realizar reflexões, emitir opiniões e debater sobre qualquer assunto que não fosse relacionado ao convívio familiar e privado.

Como consequência disso, a mulher está nos trabalhos de menor remuneração salarial, nas condições de precariedade da atividade laboral, ocupando os cargos de chefia em menor número se comparadas aos homens, ainda que, em alguns casos, tenham formação profissional superior. Também enfrentam grande instabilidade em seus empregos, conforme Hirata (2002):

Essa formação servirá à preparação das mulheres para o trabalho produtivo. Recrutadas somente para as chamadas profissões *femininas* (não-qualificadas e com baixos salários) do setor secundário e do de serviços, a seleção é feita conforme atitude, as maneiras, o comportamento: observação das regras de etiqueta, proibição de calças compridas, proibição de fumar durante o trabalho, submissão e obediência. (HIRATA, 2002, p. 136, grifo da autora)

A presença da mulher em seu ambiente de trabalho é facilmente notável ao adentrar em um supermercado. Ela não está sozinha, não é somente uma, são várias, inúmeras, desempenhando as mais variadas funções, como nos caixas, nas padarias, nos balcões de atendimento ou na limpeza. E é por essa razão que a mulher trabalhadora nos supermercados se torna o sujeito da pesquisa.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010), as mulheres constituem a maior parcela da população brasileira com maior grau de instrução, sendo um total de 97.342.162, frente a 93.390.532 homens. De acordo com o Censo 2010, isso significa dizer que homens em idade de 25 anos ou mais somam 9,9% da população com ensino superior

completo, enquanto as mulheres chegam a 12,5%, estando presentes em maior número nas universidades, alcançando um nível superior ao dos homens de instrução, objetivando uma melhor preparação para assumir os papéis de controle, chefia e comando.

Esse fator corrobora fundamentalmente sua inserção no mercado de trabalho. A estimativa para o ano de 2014 é que a população brasileira ultrapasse os 203.443.643 de habitantes, estando as mulheres em maior número, com 50,60% e os homens com 49,40% do total de pessoas, segundo a projeção do IBGE/2014. Em Goiás, 49,96% são mulheres e 50,05% são homens, do total de 6.557.297 da população do estado.

A mulher sai de casa por motivos distintos, tais como o desejo de viver sozinha e/ou com os filhos e ter a responsabilidade de provedora do lar. Em alguns casos, a renda do companheiro é insuficiente e ela trabalha para dividir com ele o orçamento doméstico, havendo também a realidade daquela mulher que se sente insatisfeita com a situação de dependência financeira e conseqüentemente submissão ao marido. Como demonstra a Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE /2013):

As estatísticas mais recentes sobre as mulheres brasileiras mostram que, cada vez mais, elas estão presentes no mercado de trabalho e com níveis de escolaridade mais elevados do que os homens. Estas mudanças influenciam o comportamento social das mulheres tanto no âmbito público como no privado. Independentemente de se tratar de casal sem filhos ou casal com filhos, houve um aumento considerável da proporção de mulheres responsáveis pelos núcleos familiares entre 2002 e 2012. No caso dos núcleos formados por casal sem filhos, a proporção de mulheres passou de 6,1% para 18,9%, nos casais com filhos de 4,6% passou para 19,4%. (IBGE, 2013, p. 73).

A trabalhadora assume o enfrentamento quando realiza uma atividade laboral remunerada fora de casa e para isso se sujeita a condições de submissão e precariedade para a realização da mesma. Aquela mulher que no passado ficava em casa com a total responsabilidade do cuidado com os filhos e das tarefas domésticas hoje enfrenta com muita garra e coragem jornadas duplas ou até triplas de trabalho fora e dentro de casa. Assume os mais variados papéis na estrutura familiar e principalmente em grandes momentos tem o papel de provedora financeira do lar, atuando ativamente no espaço produtivo e no reprodutivo concomitantemente. Essa situação de desigualdade enfrentada pela mulher ao sair de casa em busca de um trabalho remunerado foi implantada e lhe é imposta pelo capitalismo, que tem na exploração da força de trabalho humana seu principal instrumento de sobrevivência.

A Pesquisa Mensal do Emprego no Brasil (IBGE/2012) aponta que as mulheres são obrigadas a realizar tarefas semelhantes a dos homens por salários inferiores, com rendimento médio de cerca de apenas 72,3% do valor que recebem os homens, e se sujeitam a péssimas

condições de trabalho para assumir um importante papel enquanto integrante da população economicamente ativa, participando da população ocupada com 94,8% da mão de obra feminina empregada nos serviços domésticos, seguido dos empregos na Administração Pública 64,1% e, posteriormente, no comércio 42,6%, onde fundamentalmente se concentram na carga horária parcial. Nogueira (2011) constata que os trabalhos de jornadas parciais estão mesmo reservados para as mulheres trabalhadoras, porque culturalmente e por interesse da própria lógica do capital, na sociedade patriarcal, as prioridades femininas residem fundamentalmente na esfera doméstica (NOGUEIRA, 2011 p.94).

Como dito anteriormente o capital se beneficia e se apodera da situação da mulher trabalhadora, acentuando espaços de exploração da mão de obra feminina, com espaços de trabalho reservados especificamente para elas, de acordo com Marx (2010), que afirma que a existência de uma classe que nada possui senão a capacidade de trabalho é uma condição prévia e necessária ao capital. Há algumas funções que são somente destinadas a elas e conseqüentemente mal remuneradas, sendo que trabalhar poderia ser associado a momentos de tortura, sofrimento e dificuldades. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho (ANTUNES, 2009, p.105).

Também conforme Nogueira (2004), a divisão sexual do trabalho se expressa na forma de profissões femininas e de remuneração inferior:

Como vimos, o mundo do trabalho acentuou profundamente a divisão sexual do trabalho, reservando para as mulheres espaços específicos que, na maioria das vezes, se caracterizavam pela inferioridade hierárquica, pelos salários menores e por atividades adaptadas as suas capacidades inatas. (NOGUEIRA, 2004, p.18).

Criar espaços de trabalho e profissões exclusivas para as mulheres é uma estratégia de exploração do capital, que, ao criar trabalhos diferentes para mulheres e homens, acentua a distinção e a subordinação, elevando ainda mais o processo de hierarquização imposta pela sociedade entre mulheres e homens, que persiste de maneira agressiva e impositiva visando ser um processo natural, advindo de uma cultura sexista, idealizada pelo patriarcado, na qual mulheres e homens são educadas e educados para serem diferentes e incapazes física e intelectualmente de realizar as mesmas atividades laborais e possuir valores distintos para o mundo do trabalho.

Diferentemente do valor que é agregado ao trabalho do homem, o patriarcado aliado aos interesses do capital apropria-se da divisão sexual do trabalho, explorando a força de trabalho

da mulher de forma intensa, confirmando o que escreve Antunes (2009):

Mas o capital tem sabido também se apropriar intensificadamente da *polivalência e multiatividade* do trabalho feminino, da experiência que as mulheres trabalhadoras fazem das suas atividades realizadas na esfera do *trabalho reprodutivo, do trabalho doméstico*. (ANTUNES, 2009, p.109, grifos do autor).

O setor de serviços, em especial o comércio varejista, é um dos responsáveis pela manutenção da exploração da força de trabalho feminina. Ao empregar mulheres, objetiva-se tirar vantagem da capacidade que elas possuem de desempenhar múltiplas atividades em um menor gasto de tempo. Por ser mulher, à trabalhadora é destinada aos cargos de operadora de caixa e atendimentos em geral, e exige-se delas uma prestação de serviço eficiente e de qualidade explorando a capacidade de contornar e superar situações de conflito e insatisfação dos clientes, sobretudo por que se julga que demonstrações de calma, atenção, afetividade e sensibilidade são sentimentos e atitudes tidos socialmente como femininos, e sendo necessários na maioria dos atendimentos, a fim de solucionar problemas e promover a satisfação dos clientes.

Dal Rosso (2008) escreve sobre as formas que o capital vem se utilizando na atualidade para alcançar a intensificação do trabalho, ao realizar um estudo sobre diversas profissões nos variados setores da economia do Distrito Federal. O autor afirma que a forma como é realizada a atividade laboral é que determina sua intensidade, e ao remeter-se aos supermercados, aponta que o setor de serviços exige cada vez mais que as trabalhadoras e os trabalhadores sejam polivalentes, versáteis e flexíveis. O autor ressalta que:

Esses três elementos são formas contemporâneas de intensificar o trabalho. Tal alteração dos comportamentos dos empregados passa por uma redefinição nominativa do trabalhador em sua ocupação. O funcionário não é mais um caixa ou repositor de mercadorias. Ela e ele são operadores. A mudança vocabular encerra o núcleo de conceito de polivalência e flexibilidade. Não mais um caixa ou um repositor. E sim, um operador que é caixa, repositor ou conselheiro da clientela de acordo com a necessidade do momento no estabelecimento. (DAL ROSSO, 2008, p.171)

A trabalhadora vê a instalação de um supermercado como uma oportunidade de emprego com remuneração mensal, o que lhe proporcionará a garantia do sustento da família, a sua colaboração com o orçamento familiar e em muitos casos um caminho para alcançar a liberdade e a tão sonhada emancipação financeira. E, por isso, aceita trabalhar nos pontos de venda recebendo baixos salários, com escalas de trabalho degradantes e quase todas em regime parcial, o que lhe permite realizar as tarefas domésticas, cuidar e educar filhas e filhos colaborando intensamente para a reprodução e confirmação do patriarcado capitalista.

São três os supermercados pesquisados e, desse total, dois são gerenciados por homens, sendo apenas um liderado por uma mulher, o que confronta com a realidade das lojas que são redutos do trabalho feminino, uma vez que elas estão sempre em maior número, indo de encontro aos princípios de inferioridade, desigualdade, incapacidade e subalternidade conferida às mulheres que sofrem cotidianamente com a divisão sexual do trabalho aceitando funções determinadas como femininas e lhe sendo negados cargos de chefia e comando.

A precarização do trabalho feminino é a questão que norteia os questionamentos propostos pela pesquisa, que tem como caminho a história da divisão sexual do trabalho, bem como as relações de gênero existentes tanto no espaço produtivo como no reprodutivo, objetivando compreender como a mulher se percebe nesse contexto, qual a consciência que a mesma tem em relação à exploração da sua força de trabalho como funcionária dos supermercados, e em seu próprio lar enquanto encarregada dos afazeres domésticos e responsável parcial ou totalmente pelo orçamento familiar.

Muitas dúvidas em relação às questões de gênero e à divisão sexual do trabalho serão posteriormente levantadas e sanadas, e muitas análises e conclusões também serão expostas no decorrer do texto nos capítulos que se seguem, uma vez que apresentam os resultados das observações, conversas e entrevistas realizadas com as envolvidas e os envolvidos na discussão.

### 3 OS SUPERMERCADOS COMO NOVA FORMA DE VENDA A VAREJO

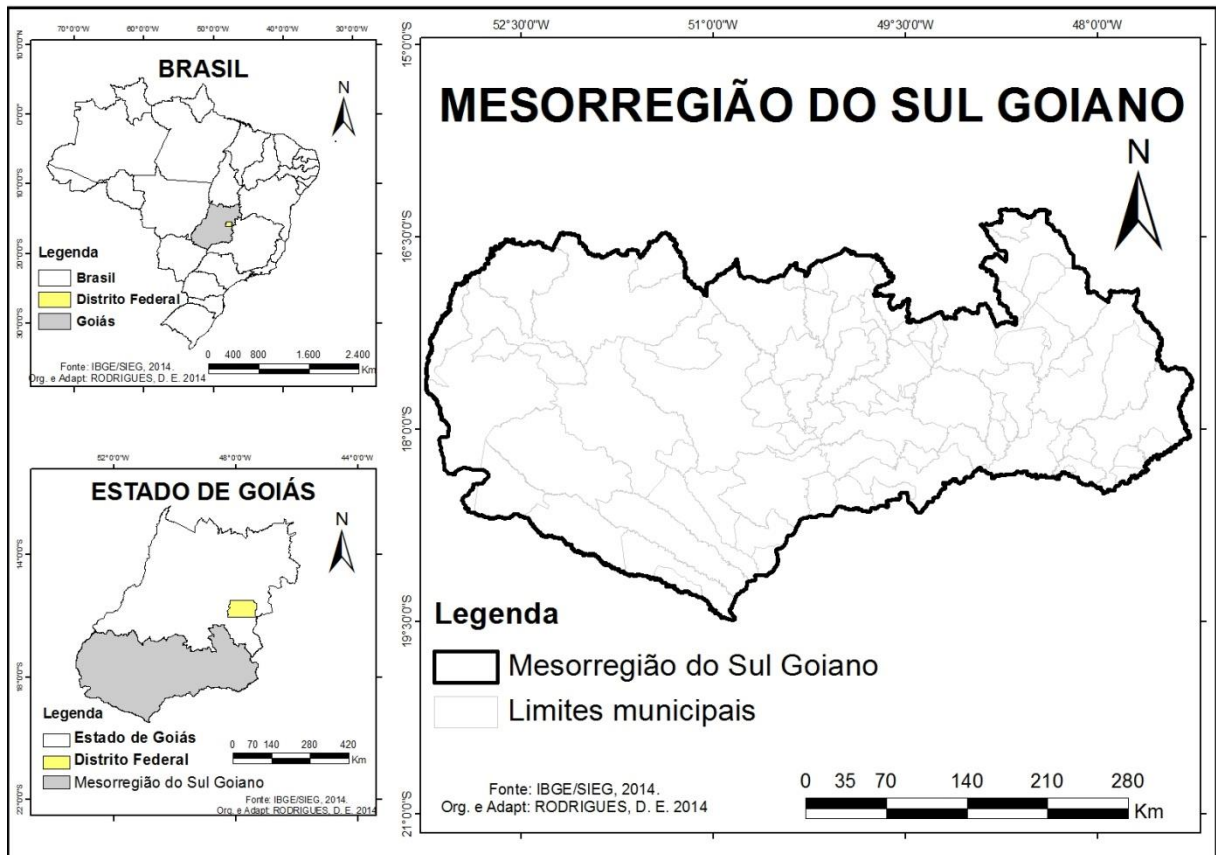
Com a preocupação de resguardar os cenários e os sujeitos da pesquisa, por determinação do CEP/UFG, foi mantida no anonimato a identificação do município onde se deu a pesquisa, dos estabelecimentos comerciais e acima de tudo das trabalhadoras. Assim, as participantes da pesquisa não foram em momento algum identificadas, a fim de garantir proteção e segurança tanto para a pesquisadora, ao analisar os depoimentos, como também para a mulher, ao expor seu cotidiano de trabalho no espaço produtivo e reprodutivo. Para os supermercados foram escolhidos nomes fictícios que são apresentados posteriormente, objetivando não serem reconhecidos, para a pesquisa possa demonstrar com segurança e proteção o que de fato acontece com a mulher trabalhadora quando está em seu lar e em seu ambiente de trabalho. Isso impediu registros da realização de algumas etapas da pesquisa por meio de fotografias.

Com maior vocação para as atividades rurais, o município goiano pesquisado tem a agricultura como base econômica responsável pela movimentação e circulação de capital, acompanhada da pecuária, com destaque na produção da cana-de-açúcar, milho, soja, tomate e leite, de acordo com o Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB/SEGPLAN, 2013). A agropecuária é responsável por 53% da geração de divisas, com rebanho bovino destinado ao corte e ao leite, tornando a cidade uma das maiores bacias leiteiras de Goiás. Também é praticada a Agroindústria, com o propósito de abastecer as indústrias instaladas no Distrito Agroindustrial.

O processo de industrialização ocorrido no município se deu na década de 1990, para receber e processar a produção agrícola da região. A economia se desenvolve, seja para atender a um mercado consumidor em célebre expansão, seja para responder a demanda exterior (SANTOS, 1993, p. 36), impulsionando também o comércio, devido a instalação da agroindústria canavieira, bem como as de produtos alimentícios e lácteos.

O município está localizado na região sul do estado de Goiás, e conforme já apresentado anteriormente não foi possível representar a exata localização do mesmo, definindo sua área de abrangência e ocupação. Para isso foi escolhido um mapa da Mesoregião do Sul Goiano, demonstrando a localização do estado de Goiás e evidenciando os limites dos municípios da região sul do estado.

**Figura 1-** Mesorregião do Sul Goiano: limites municipais - 2014



Fonte: IBGE/SIEG (2014) Org. e Adapt.: Rodrigues, D.E. 2014.

Segundo dados do IBGE (2012) e do IMB/SEGPLAN (2013), com resultados do Censo (2010), a população do município é de cerca de 40.000 habitantes, sendo 50,1% de homens e 49,9% de mulheres, com maior faixa etária de homens em idade de 10 a 14 anos e de 25 a 29 anos, totalizando 3.404 homens, com o restante distribuídos entre os mais variados índices de idade. Entre as mulheres, o maior contingente está entre 15 a 19 anos e 35 a 39 anos, somando 3.477 delas.

A cidade torna-se cada vez mais resultado do capitalismo. Quando esse processo se transforma em função do capital, surge a necessidade do comércio, da produção de bens e da disponibilidade de serviços, atingindo todas as esferas de desenvolvimento. Santos (1993), afirma que “praticamente o país inteiro é alcançado pelas formas produtivas modernas e não apenas os polos”, de modo que as cidades continuam crescendo, recebendo pessoas, fábricas, tecnologia, entre outros. Nos últimos anos, o processo de urbanização se intensificou e atualmente mais de 80% da população vive em áreas urbanas, residindo nas cidades onde estão os processos de construção e produção, e conseqüentemente crescendo e se expandindo.

Para Carlos (2008), ela é essencialmente o lócus da concentração dos meios de



produção e de pessoas, é o lugar da divisão econômica do trabalho, o estabelecimento industrial num determinado lugar, os galpões, os escritórios entre outros. É nas cidades que estão as oportunidades de trabalho, as possibilidades de ascensão social, pois é lá que estão as escolas, universidades, fábricas, comércio entre outros, sendo que nesse cenário deu-se a pesquisa, na cidade, no trabalho e no comércio, especificamente nos supermercados de um município do estado de Goiás.

Historicamente, destaca-se no município a mulher que trabalha em setores como o serviço social, promovendo atendimento aos mais necessitados, e na educação, trabalhando sempre como professora idealizadora de projetos voltados à educação, como a criação de creches e escolas. Uma profissão dita essencialmente feminina, porque somente ela é capaz de conciliar as duplas jornadas de trabalho, ao se revezar entre os serviços domésticos e a sala de aula, além da associação da profissão à dedicação, amor, doação e sensibilidade (SANTOS, 2009), confirmando a divisão sexual do trabalho.

O universo escolar feminino foi sendo construído a partir do século XIX, mesmo que fosse com o intuito de tornar-se uma boa mãe. Então, juntaram-se fatores de ordem econômica, de ordem social e de ordem educacional para que ocorresse a feminização do magistério. (SANTOS, 2009, p. 50).

Na política, nomes de expressão no cenário estadual e nacional são de homens, confirmando a realidade nacional, na qual a mulher ainda não alcançou um nível satisfatório de participação política. A sociedade patriarcal ainda não permite que mulheres participem ativamente das tomadas de decisões político-administrativas assim como os homens, conferindo a eles a detenção e manutenção do poder.

Assim, restam às mulheres os cargos de menor poder de decisão, sendo elas obrigadas a se sujeitar à submissão constante dos chefes homens. Tomando como exemplos os supermercados, que como já citado, são redutos do trabalho feminino, mas que em muitos casos são chefiados por homens, sem que caiba à mulher os cargos de gerência e comando.

Há no município inúmeros supermercados de pequeno, médio e grande porte, mas para nossa análise tomamos como referência apenas três deles, por serem os maiores estabelecimentos, por estarem localizados na região central, por empregarem uma maior quantidade de funcionárias e por receberem um volume mais expressivo de clientes se comparados aos de menor porte.

O município não possui lojas das grandes redes supermercadistas com expressão no cenário econômico a nível nacional e/ou internacional como nos grandes centros e nas capitais.

Mas, por uma questão econômica global, vem recebendo na última década investimentos de capitalistas no setor de serviços, no comércio e especificamente nos supermercados, instalando lojas na região central que não diferem das grandes redes quanto à implantação de novas tecnologias, à utilização da estratégia de flexibilização do trabalho que favorece a intensificação da atividade laboral, e à exploração e a precarização da mão de obra feminina, empregando um expressivo contingente de mulheres para trabalharem em seus estabelecimentos, desempenhando as mais variadas funções e recebendo as mais distintas remunerações, uma vez que o capitalismo torna a força do trabalho como uma mercadoria, e aproveita da necessidade que a mulher tem de trabalhar a fim de conquistar a sua liberdade ou até mesmo sua independência financeira.

O amplo e movimentado espaço reservado para as compras não lembra mais em nada os armazéns e mercearias, pequenos estabelecimentos de secos e molhados com seus balcões e os mantimentos para serem vendidos a granel, onde o atendimento era realizado em muitos casos pelo próprio proprietário. As transformações técnicas e econômicas advindas da chegada de novas tecnologias alcançam os supermercados, que no passado eram pequenos comércios, e se remodelaram em lojas de livre serviço, tornando forma dominante de vendas a varejo, onde as consumidoras e os consumidores realizam suas compras de alimentos, artigos de limpeza e higiene pessoal entre outros produtos com autonomia, conforme destaca Dal Rosso (2008),

As grandes cadeias de supermercados passaram a controlar o imenso ramo de abastecimento urbano, utilizando para isso uma estrutura diversificada em tamanho e função dos estabelecimentos, que vão desde os desconunsais hiper e maxiempresendimentos, passando pelos empórios médios e chegando até os minicomércios das redes de vizinhança. (DAL ROSSO, 2008, p.170).

Na atualidade, o movimento de pessoas das mais variadas classes sociais que circulam pelos supermercados se dá pela busca de produtos industrializados que se tornam cada dia mais necessários, uma vez que são idealizados pela sociedade de consumo que cria e manipula consumidoras e consumidores com o objetivo de manter e fortalecer o poderio de dominação do capitalismo, como afirma Santos (2007):

Numa sociedade tornada competitiva pelos valores que erigiu como dogmas, o consumo é verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os *shopping centers* e os supermercados, aliás construídos à feição das catedrais. O poder do consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que a sua exclusão atribui às pessoas a condição de alienados. (SANTOS, 2007, p.48)

Ainda para o autor, “a grande perversão do nosso tempo, muito além daquelas que são comumente apontadas como vícios, está no papel que o consumo veio representar na vida

coletiva e na formação do caráter dos indivíduos” (SANTOS, 2007, p.47).

A imposição do modo de vida voltado para o consumo surge para atender aos interesses das grandes indústrias, a fim de movimentar sua produção, também como os hipermercados, que são modelos de supermercados com maior quantidade e variedade de itens disponíveis para serem vendidos. Além de alimentos, produtos de limpeza e higiene pessoal, eles disponibilizam roupas, eletroeletrônicos, bazares, ferramentas, brinquedos com grande diversidade de marcas e preços. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, a serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado (SANTOS, 2001, p.19).

Os “encantamentos” de uma sociedade globalizada são descritos por Padilha (2006), que aponta as facilidades e praticidades proporcionadas pelas invenções e inovações tecnológicas disponíveis na atualidade:

Ligar a tevê e ter o mundo todo dentro de casa, sabendo em poucos minutos o que acabou de acontecer no Japão, em Israel e nos Estados Unidos; pressionar um pequeno botão de um telefone celular e comunicar-se ao vivo com alguém do outro lado do mundo; conectar-se à internet por meio de alguns simples comandos e ter acesso a todas as bibliotecas, lojas, faculdades e museus do mundo, ou comunicar-se em tempo real com alguém de outro continente; produzir um automóvel com robôs autômatos, cujas partes foram fabricadas em outro país; fazer compras num supermercado, cujos produtos são identificados por códigos de barras, e pagar com um cartão magnético; pegar um avião em São Paulo e chegar a Paris percorrendo milhares de quilômetros sobre o oceano Atlântico em poucas horas; realizar um transplante de coração; consultar um catálogo de opções de um banco de esperma e escolher o tipo físico e intelectual de um bebê [...] (PADILHA, 2006, p.17)

Tecnologias, facilidades e praticidades que se tornam cada dia mais distantes dos desejos de trabalhadoras e trabalhadores, que se sujeitam a péssimas condições de trabalho para obter o direito de consumir, para participar e usufruir dessas tecnologias disponíveis e alimentar esse sistema, usando sua remuneração mensal. Apenas para se sentir na moda, que é a manivela do consumo, pela criação de novos objetos que se impõem ao indivíduo (SANTOS, 2007, p.49).

Ao ser inaugurado um supermercado, a população de uma forma geral deslumbra-se com a disponibilidade de novas lojas que são visivelmente atrativas. Os locais de compras são todos bem iluminados, com música, ambientes climatizados e higienizados, e há grande variedade de produtos e marcas, todos organizados de forma a facilitar e impulsionar o consumo, além da presença de tecnologias para que sejam utilizadas reduzindo tempo, gerando conforto e satisfação aos clientes.

Esses ambientes de compras foram escolhidos para esse estudo, pois, ao se instalarem na cidade, modificam toda a estrutura de uma determinada localidade, como a infraestrutura do local, a paisagem, o trânsito entre outras mudanças físicas. Trouxeram um novo modelo de consumir, principalmente para as pequenas cidades, que até pouco tempo não disponibilizavam um espaço destinado às compras com lanchonetes, sorveteria, padaria, grande quantidade de produtos e ofertas, variedade de marcas e modelos, além de um ambiente agradável que favorece as compras e o consumo.

É com foco na mulher trabalhadora que a pesquisa buscou responder indagações que se constroem cotidianamente a respeito das possibilidades de inserção da mulher no mercado de trabalho, suas reais condições de realização do mesmo além da efetivação da divisão sexual do trabalho tanto no ambiente produtivo como no reprodutivo. O que se objetivou foi elucidar o papel que a mulher desempenha na sociedade, como dona de casa, mãe, e quando trabalha como contribuinte para a economia mercantil. Propõe-se portanto, investigar o trabalho da mulher no comércio, e em específico nos supermercados, a fim de compreender o que se tem de singular no trabalho realizado nesses estabelecimentos que torna determinadas funções essencialmente femininas.

A escolha pelos supermercados veio a partir do olhar como geógrafa às mudanças ocorridas com a instalação das novas lojas no município, e por saber das condições a que são submetidas as trabalhadoras em seu local de trabalho, como a fiscalização, a cobrança constante e até a ameaça de perda do emprego, além dos riscos de violência a que está exposta cotidianamente. Além disso, entende-se que compreender a atuação da mulher como trabalhadora, colocando em foco sua historicidade, sua luta, conquista e produção, é papel da Geografia, bem como entender a construção e a modificação do espaço, de acordo com a análise realizada na atividade laboral feminina, levando em consideração as relações de gênero no contexto do trabalho.

A o longo da história, à medida que se desenvolvia a humanidade, também surgiu o comércio, por meio da troca de excedentes produzidos. Com o passar dos anos, foram estabelecidos pontos fixos de encontro para a realização das trocas, dando origem às feiras e mais tarde aos mercados, como pontos atrativos de troca de mercadorias, alimentação, diversão e convívio social.

Com a produção passando a ser em escala industrial, os comerciantes tiveram que criar estratégias para atrair compradores e superar a concorrência. Além da variedade de produtos e preços compatíveis e o desenvolvimento de técnicas atrativas de venda, as lojas passaram a oferecer espaços de compras confortáveis e agradáveis aos olhos e ao bem estar dos clientes,

deixando de lado o propósito inicial de abastecimento de itens básicos para o suprimento das necessidades de sobrevivência, e criando o hábito da compra de bens de consumo e de bens duráveis em grande quantidade, alimentando o comércio varejista até chegar aos estágios atuais, com as feiras e os mercados dando lugar aos espaços privados destinados às compras, objetivando acumular capital. Para isso, as inovações técnicas proporcionaram o aumento da produção.

A atualidade exige que as lojas estejam instaladas em pontos estratégicos da cidade, que tenham uma localização de fácil acesso, lojas bem equipadas com tecnologias para garantir rapidez no processo de compra e venda, disponibilizando espaços amplos e ambientes confortáveis com estacionamentos, acessibilidade, praças de alimentação, variedade e diversidade de marcas e produtos, além de preços das mercadorias a serem vendidos compatíveis com os valores de mercado, atendendo um número máximo de clientes e superando a concorrência.

O auto serviço é a característica principal dos supermercados, onde clientes decidem de maneira autônoma e independente quais marcas e produtos irão comprar para seu consumo. Trata-se de um hábito de compra que surgiu nos Estados Unidos no século XX, e que atingiu todas as esferas do comércio varejista em escala global.

O primeiro supermercado brasileiro data sua abertura na década de 1950 em São Paulo, e posteriormente os estabelecimentos avançaram para outras capitais brasileiras, instalando-se em áreas de grande concentração populacional, substituindo as mercearias, que atendiam individualmente os clientes no balcão, uma vez que, anteriormente à possibilidade de adquirir meios de conservação de alimentos como a geladeira, necessitava-se realizar as compras de gêneros alimentícios quase diariamente, devido à incapacidade de estocagem.

Os primeiros supermercados objetivavam alcançar uma clientela de maior poder aquisitivo, o que tornou elitizada a prática de frequentar esses estabelecimentos de compra, com pessoas bem vestidas e com hábitos de consumo diferenciados da população mais pobre. Aos poucos, foram instaladas lojas nas periferias das grandes cidades, alterando a rotina de compra da população de baixa renda e alcançando todas as classes sociais, uma maneira utilizada pelos capitalistas de multiplicar a clientela vendendo mais, obtendo mais lucro e acumulando capital.

No século XXI, as grandes redes supermercadistas instaladas no Brasil pertencem ao capital estrangeiro, uma vez que empresas de outros países abriram suas lojas no território brasileiro e compraram outras novas, incorporando os estabelecimentos a grupos que investem e monopolizam o seguimento.

### 3.1 O funcionamento dos supermercados

Os supermercados se remodelaram com a chegada de novas tecnologias. Os pequenos comércios evoluíram e se transformaram em lojas de livre serviço, tomando a forma dominante de vendas a varejo. Atualmente, dos 285 estabelecimentos registrados e filiados junto à Associação Comercial e Industrial do município, 23 são supermercados, segundo dados disponibilizado pelo próprio órgão em consulta feita durante o mês de novembro de 2014. Sabe-se que outros supermercados, mercearias e armazéns funcionam espalhados por toda a cidade.

Os três supermercados pesquisados funcionam de 6 horas da manhã até 22 horas da noite todos os dias da semana, de domingo a domingo, com exceção de uma das lojas que funciona nos domingos até às 14 horas. Todos abrem portas também aos feriados municipais e nacionais, o que obriga a trabalhadora a deixar sua família durante os sábados e domingos descansando em sua casa para ir trabalhar, abdicando de momentos de descanso e lazer com familiares, sendo esse momento possível apenas quando rotativamente a escala lhe permite a folga.

Conforme o Artigo 68<sup>1</sup> da CLT, para que os estabelecimentos funcionem aos domingos é necessária que haja uma lei, no caso em esfera municipal, para que os mesmos convoquem funcionárias e funcionários ao trabalho, contrariando o Artigo 67<sup>2</sup> que determina o domingo como dia de folga aos trabalhadores e trabalhadoras.

No município onde a pesquisa acontece, há uma lei que é executada pelo Departamento de Posturas do Município, que permite o funcionamento dos supermercados aos sábados durante todo o dia e estendendo até à noite, aos domingos e feriados municipais e nacionais. Porém, em função do anonimato e da não identificação do município, a lei não pode ser aqui expressa.

A trabalhadora realiza jornadas de 6 horas interruptas nos supermercados, ou de 8 horas diárias, o que varia de acordo com a escala de turno, com o estabelecimento e com o dia da semana, como domingos e feriados, no caso do estabelecimento que opera com horário diferenciado nestes dias. Aquela que trabalha no período matutino/vespertino realiza suas tarefas domésticas depois de um longo e cansativo dia de trabalho, e aquela escalada para o turno

---

<sup>1</sup> Art. 68 – O trabalho em domingo, seja total ou parcial, na forma do art. 67, será sempre subordinado à permissão prévia da autoridade competente em matéria de trabalho.

<sup>2</sup> Art. 67 – Será assegurado a todo empregado um descanso semanal de 24 horas consecutivas, o qual, salvo motivo de conveniência pública ou necessidade imperiosa do serviço, deverá coincidir com o domingo, no todo ou em parte.

vespertino/noturno já inicia suas atividades com a carga de energia reduzida por estar cansada, pois antes de chegar aos supermercados já realizou todo o serviço doméstico, que possivelmente terá continuidade quando essa trabalhadora chegar a seu domicílio à noite, após as 22horas, quando a mesma organiza a casa e prepara tudo que for necessário para o dia seguinte.

Em poucos minutos de observação é possível identificar as inúmeras tarefas que são destinadas às trabalhadoras dos supermercados, independentemente da função para a qual foi contratada. As múltiplas tarefas realizadas por elas exigem das mesmas uma exaustiva capacidade de serem polivalentes, realizando muitas atividades ao mesmo tempo, sendo também flexíveis e estando preparadas para realizar tarefas de outros colegas e destinadas a outras funções, como é o caso das operadoras de caixa, que além de realizar o fechamento das vendas, em alguns casos ajudam o cliente a empacotar as compras, organizando as mercadorias e acomodando-as de modo a protegê-las. Além disso, no intervalo entre um e outro atendimento, realizam a limpeza do seu balcão, bem como organizam a reposição das mercadorias expostas para venda no mesmo, observando constantemente os equipamentos a fim de garantir o bom funcionamento de todos, os quais causariam transtornos ao estabelecimento em caso de falha ou qualquer tipo de dano nos aparelhos. Precisam também permanecer sempre atentas ao realizar os cálculos, realizando com eficiência os recebimentos e a emissão do troco ao cliente. Como exigência principal a essa função, a operadora de caixa deve manter sempre uma postura profissional, uma boa apresentação pessoal, receber cordialmente a clientela e ter como uma das habilidades profissionais a facilidade de comunicação para que alcance a excelência em cada atendimento realizado.

Na padaria, no balcão de atendimento, no açougue, na seção de frios, laticínios, no hortifrúti e nas demais funções aqui não citadas, encontramos a mulher trabalhando nos supermercados, e para todas são exigidas agilidade ao desempenhar sua função, higiene e apresentação pessoal, cordialidade e a realização de múltiplas tarefas cotidianamente em troca de um salário que lhe garantirá o seu sustento.

O trabalhador recebe do capitalista uma parte dos meios de subsistência existentes. Para que lhe servem esses meios de subsistência? Para seu consumo imediato (MARX, 2010, p.48). E, ao consumir bens imediatos, a trabalhadora é obrigada a trabalhar novamente para obter mais salário, o qual consegue vendendo sua força de trabalho, que é o meio pelo qual o capital se multiplica, ao se apoderar dessa necessidade que a classe operária tem de gastar seu salário com meios de subsistência (MARX, 2010, p.77). A comida que oferecerá a seus filhos diariamente, o remédio para curar as enfermidades, o material escolar, roupas, sapatos, produtos de higiene pessoal, brinquedos, entre outras necessidades. Parte da despesa mensal do seu domicílio, e na maioria dos casos a total responsabilidade financeira pelo orçamento de sua família provem de

seu salário, fruto do seu trabalho árduo, diário, no qual a trabalhadora vende ao patrão e ao capital a sua força de trabalho. (MARX, 2010, p.34).

Marx (2010, p. 36), afirma que: “A força de trabalho é (...) uma mercadoria que o seu proprietário, o operário assalariado, vende ao capital. Por que ele a vende? Para viver”. Por essa necessidade de manter o sustento da casa, pela busca incessante de exercer uma função remunerada fora do seu domicílio, na busca pela sua liberdade e emancipação financeira, é que a mulher enfrenta condições de precariedade em seu ambiente de trabalho. As questões levantadas para a pesquisa buscaram identificar se os estabelecimentos estão de acordo com as leis, assegurando os direitos e as condições de trabalho à trabalhadora dos supermercados, uma vez que de acordo com a Portaria nº 09, de 30 de Março de 2007, da Norma Regulamentadora nº17, os estabelecimentos devem disponibilizar condições adequadas de trabalho, com o principal objetivo de prevenir doenças e problemas de saúde, garantindo segurança à trabalhadora.

Os espaços utilizados por ela devem proporcionar a livre circulação e favorecer que a trabalhadora alterne sua posição ficando sentada e/ou de pé. Quando sentada, que esteja em uma cadeira confortável com encosto e descanso para os pés. Deve-se evitar ao máximo empregar força muscular para manusear as mercadorias, utilizando-se de esteiras, balanças e o teclado, que devem estar localizados frontalmente, facilitando sua utilização. Um dos pontos de maior destaque é a existência de pausas durante a jornada, utilizadas para alimentação, descanso e realização de necessidades fisiológicas.

No lar, quando essa mulher encerra sua jornada diária de trabalho nos supermercados, grande parte inicia mais um expediente, mais uma jornada, na qual arrumar a casa, cuidar dos filhos, lavar e passar a roupa, resolver os conflitos domésticos, relacionar-se com marido, com os filhos e com os familiares são atividades enfrentadas, para que no dia seguinte, depois de uma noite bem curta de sono, ela possa dar início novamente ao trabalho. Algumas realizam seus trabalhos domésticos antes mesmo de irem para o trabalho, pois assumem seus postos no turno da tarde, e ao chegarem nos supermercados já carregam o cansaço de um dia de batalha.

A valorização do trabalho realizado por essa mulher nos supermercados tornou-se uma inquietação da pesquisa, e saber quais são as reais condições diárias de trabalho que são disponibilizadas a ela é um ponto da investigação. É relevante saber como trabalha pressionada pela ameaça de perder seu emprego caso não realize suas atividades de maneira considerada satisfatória pelo patrão. Como conviver com essas situações é um tema que será abordado posteriormente em um capítulo próximo, que apresenta os relatos das trabalhadoras colhidos durante a realização das entrevistas.



### 3.2 Conhecendo a rotina dos estabelecimentos

Após a realização das mudanças na documentação exigidas pelo CEP/UFG, referentes à identificação dos estabelecimentos e das trabalhadoras envolvidas, e tendo concluída toda etapa burocrática, a pesquisa partiu para o trabalho de campo, a fim de buscar as reais informações a partir de observações e o contato direto com a trabalhadora.

Iniciou-se assim uma nova etapa, em que as dúvidas e os questionamentos existentes e persistentes que nortearam a realização da investigação aos poucos foram sendo sanadas e respondidas por meio das entrevistas, com a aplicação dos questionários e as observações do cotidiano das lojas em diferentes horários e dias da semana, encontrando as mais variadas situações, desde calma nos atendimentos até os tumultos nos períodos de maior movimentação.

Em um primeiro momento foi necessária a escolha dos nomes fictícios, que foram criados para a identificação dos supermercados e basearam-se em nomes relacionados ao segmento do comércio. A partir de agora os estabelecimentos serão identificados a partir dos nomes escolhidos para representá-los. Serão chamados de “Supermercado Daqui”, “Supermercado Tá Barato” e “Supermercado Carrinho Cheio” os quais a partir de então serão mencionados e identificados como tal a fim de garantir o anonimato dos estabelecimentos e resguardá-los de alguma situação de desconforto causado pela exposição. Vale ressaltar que a escolha das posições para a citação acima parte da ordem em que foram realizadas as entrevistas.

Os contatos com os estabelecimentos foram realizados a partir do primeiro semestre do ano de 2014, e a realização das entrevistas se deu durante os meses de outubro e novembro do mesmo ano, sendo realizada em outubro em dois estabelecimentos, o Supermercado Daqui e Supermercado Tá Barato. Por último, o Supermercado Carrinho Cheio, que por questões burocráticas retardou a autorização da presença da pesquisadora para a realização das entrevistas no estabelecimento, alegando que atrapalharia a rotina de trabalho. Para que fossem colhidos os dados, foi preciso que os questionários fossem entregues para que as trabalhadoras respondessem em suas residências, fora do horário de trabalho, o que dificultou o resgate dos mesmos para a mensuração dos dados.

A pesquisa é vista de maneira positiva pelos supermercados, por mais que objective demonstrar o cotidiano precarizado da mulher trabalhadora, e por isso, todos os contatos realizados foram marcados pela ótima receptividade por parte da gerente e dos gerentes das lojas, que sempre se colocaram prontos a colaborar com a realização da mesma, contribuindo com a assinatura dos documentos, transmissão de informações, organização do espaço adequado,

escolha e escala das funcionárias para que pudessem ser entrevistadas.

Os três supermercados estão instalados na região central do município, bem próximos uns dos outros, e recebem clientes de todos os bairros. 265 empregados trabalham nos três supermercados, sendo que o maior contingente é de mulheres que realizam as mais distintas funções, nos cargos de auxiliar de escritório, na padaria como encarregadas e atendentes, no açougue como atendentes, na limpeza, responsáveis pela prevenção de perdas, no atendimento dos balcões, nos caixas, como fiscais de caixa, na reposição, como sub-gerente e gerente, como está representado no Quadro 1:

**Quadro 1** -Total de funcionários dos supermercados: entrevistas realizadas – 2014

<b>Estabelecimentos</b>	<b>Total de funcionários</b>	<b>Total de mulheres</b>	<b>Total de homens</b>
Supermercado Daqui	96	54	42
Supermercado Tá Barato	78	50	28
Supermercado Carrinho Cheio	91	51	40
<b>Total</b>	<b>265</b>	<b>155</b>	<b>110</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). Org.: Cardoso, D. T. (2014)

Conforme o Quadro 1, do total de 265 empregados, 155 são mulheres e 110 são homens, totalizando as mulheres a maior parcela do número de pessoas empregadas para trabalharem nos supermercados, o que não é um fator a ser comemorado, sendo apontado como apenas um fato da transição das formas de trabalho, conforme Saffioti (2013):

A grande concentração de mão de obra feminina no setor terciário das atividades econômicas não significa, pois, uma vitória das mulheres como se poderia pensar, atentando-se exclusivamente para o fato de que ela representa uma escalada dos trabalhos manuais para os trabalhos não manuais. (SAFFIOTI, 2013, p. 185)

Geralmente são jovens recrutadas para o primeiro emprego, ou mulheres com idade entre 26 e 33 anos, solteiras ou que já foram casadas, e que, por se separarem dos maridos, tiveram a necessidade de se inserir no mercado de trabalho em busca de seu próprio sustento. Para a contratação, exigem-se apenas noções básicas de informática, e o ensino médio completo, com preferência àquelas que nunca trabalharam, para que as mesmas possam ser preparadas para desempenhar suas atividades de acordo com as necessidades de cada supermercado, assimilando com mais facilidade o perfil da empresa em que trabalha.

As mulheres estão em maior número nos estabelecimentos, realizando diversas funções que em geral são subordinadas aos homens que ocupam os cargos de gerência e subgerência, estando encarregados dos departamentos, ou desempenhando as funções em que é necessário o uso da força física, como nos depósitos onde a descarga de mercadorias é a principal atividade realizada diariamente, com o uso constante da força muscular. O mundo do produtivo recebe cada vez mais força de trabalho feminina, confirmando a sua feminização, situação essa que se apresenta sob a lógica da expansão do sistema capitalista (NOGUEIRA, 2011, p. 191).

Como já dito anteriormente, o horário de funcionamento das lojas é de 16 horas diárias sem nenhuma interrupção, e funcionárias e funcionários realizam sua atividade laboral em turnos que diferem de um estabelecimento para outro, em alguns casos dentro do mesmo supermercado de acordo com a função exercida. Em geral, um supermercado trabalha com regime de 8 horas diárias, com intervalo de 2 horas, para o almoço e os demais com regime de 6 horas interrompidas, com intervalo de 20 minutos para descanso, almoço e/ou lanche, de acordo com o Artigo 58<sup>3</sup> da CLT, como apresenta o Quadro 2, que demonstra o horário de funcionamento e as escalas de trabalho.

**Quadro 2** - Escala de trabalho nos supermercados: entrevistas realizadas – 2014

<b>Estabelecimento</b>	<b>Jornada Diária</b>	<b>Escalas de Entrada e Saída</b>
Supermercado Daqui	8H	05:40 – 15:20 07:00 – 16:20 08:00 – 17:00 09:20 – 18:40 11:00 – 20:20 13:00 – 22:20
Supermercado Tá Barato	6H	06:00 – 14:50 10:00 – 16:00 16:00 – 22:00
Supermercado Carrinho Cheio	6H	07:00 – 14:30 14:30 – 22:00

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). Org.: Cardoso, D. T. (2014)

A trabalhadora que inicia sua jornada no turno matutino nas três primeiras escalas no Supermercado Daqui interrompe suas atividades para o almoço às 11:00h da manhã; a trabalhadora das duas escalas seguintes almoça às 13:00h, podendo ir até sua casa para almoçar com a família; a última escala, por sua vez, que inicia às 13:00h, não possui um horário para o almoço já que se subentende que a funcionária já realizou sua refeição em casa, tendo como

<sup>3</sup> Art.58: A duração normal do trabalho para os empregados em qualquer atividade privada, não excederá de 8 horas diárias, desde que não seja fixado expressamente outro limite.

direito um intervalo de mesma duração para o jantar.

No Supermercado Tá Barato, apenas a trabalhadora da primeira escala é que possui o intervalo de 1 hora e 40 minutos para o almoço, podendo ir até a sua casa para realizar a refeição. Nas demais escalas, a trabalhadora tem apenas 20 minutos para almoçar e/ou lanche no próprio local de trabalho. No Supermercado Carrinho Cheio as trabalhadoras possuem intervalo de 1 hora, utilizada para realizar suas refeições diárias, e 15 minutos para descanso e lanche diariamente.

É disponibilizado para a trabalhadora o lanche diário, de modo que ela pode alimentar-se dos produtos fabricados na panificadora dos próprios supermercados, como pães e quitandas, e tudo é disposto sem limitação. Tomar água e usar o banheiro são necessidades que, de acordo com as informações, não são controladas, podendo a trabalhadora se ausentar do seu posto quantas vezes for necessário.

A escala de trabalho, ou seja, a definição pelo horário e turno em que a trabalhadora começará e encerrará suas atividades nos supermercados acontece de forma distinta entre os estabelecimentos. O Supermercado Daqui adota o sistema de escalas rotativas mensalmente, de modo que a cada mês o turno de trabalho se altera, sendo as encarregadas e os encarregados dos setores responsáveis pela definição, assim como também acontece com as folgas semanais, que são agendadas de acordo com os interesses do estabelecimento, sem consentimento da trabalhadora. Já o Supermercado Tá Barato acorda com a trabalhadora no momento da contratação seu horário de início e encerramento de sua jornada diária, o qual será sempre o mesmo, sendo alterado apenas em alguns casos excepcionais. O Supermercado Carrinho Cheio também adota a escala de trabalho fixa, com um dia de folga durante a semana, seguindo uma escala alternada.

O estabelecimento funciona aos domingos em horário especial, atendendo até às 14:30h, e as funcionárias são escaladas para trabalharem nesses dias a cada quinzena, recebendo como gratificação pelo trabalho a segunda-feira posterior com folga, seguindo normas da CLT, fazendo valer o Artigo 67<sup>4</sup> que trata do direito a folga. Em caso do trabalho aos domingos, como acontece nos supermercados rotineiramente, os estabelecimentos devem cumprir com o Artigo 386<sup>5</sup>, que define a escala quinzenal, o que em questão só é respeitado no Supermercado Carrinho Cheio, não sendo realizada nos demais.

Um fato a destacar foi o não funcionamento dos estabelecimentos Tá Barato e Carrinho Cheio nos dias 25 de dezembro de 2014 (Natal) e 01 de Janeiro de 2015

---

<sup>4</sup> Art. 67 – Será assegurado a todo empregado um descanso semanal de 24 horas consecutivas, o qual, salvo motivo de conveniência pública ou necessidade imperiosa do serviço, deverá coincidir com o domingo, no todo ou em parte.

<sup>5</sup> Art. 386. – Havendo trabalho aos domingos será organizada uma escala de revezamento quinzenal que favoreça o repouso dominical.

(Confraternização Universal). As lojas não atenderam aos clientes fazendo valer os direitos de funcionárias e funcionários de compartilhar os momentos de festividades com seus familiares. Porém, para que isso ocorresse, as lojas registraram um elevado número de atendimentos nos dias que antecederam as datas, fazendo com que o desdobramento no trabalho fosse redobrado. Ao contrário dos supermercados citados, o Supermercado Daqui funcionou em escala de horário normal, sobrecarregando funcionárias e funcionários que tiveram que trabalhar em dias de feriado, e com a movimentação de clientes elevada devido o não funcionamento das outras lojas, ficando apenas ela responsável pelo abastecimento de praticamente toda a população.

As três lojas são bem iluminadas, sendo que apenas o supermercado Carrinho Cheio aproveita durante o dia a iluminação natural. Os supermercados Daqui e Tá Barato se utilizam de iluminação artificial durante todo o expediente. Do mesmo modo, a ventilação natural é aproveitada pelo supermercado Carrinho Cheio, e a ventilação artificial funciona apenas como complemento no interior da loja, com a utilização de ventiladores. Nos outros dois supermercados, a ventilação artificial com o uso de ar condicionado funciona durante todo o dia e à noite.

Para dar início à aplicação dos questionários com as trabalhadoras, foi agendada anteriormente uma conversa com a responsável e os responsáveis pelos supermercados, que transmitiram informações relevantes, como quantidade de funcionárias e funcionários, horário de funcionamento, escalas de turnos, sistemas de folgas, exigências para contratação entre outras questões. A coleta da quantidade de funcionárias trabalhando nos permitiu confirmar uma amostra de 20% do total, correspondente a trinta trabalhadoras ao todo, sendo dez mulheres em cada estabelecimento, distribuídas nos diversos setores, sem exigência e definição prévia da pesquisadora. No primeiro supermercado, pelo grande interesse das trabalhadoras em participar da pesquisa, foram aplicados 11 questionários, no segundo, foram aplicados pela pesquisadora 10 questionários e no terceiro, por fim, foram entregues para as funcionárias 10 questionários, para serem respondidos e entregues posteriormente, sendo que apenas 9 deles foram resgatados, totalizando 31 aplicados e 30 contabilizados para que fossem mensurados os dados, alcançando a meta proposta para a aplicação das entrevistas.

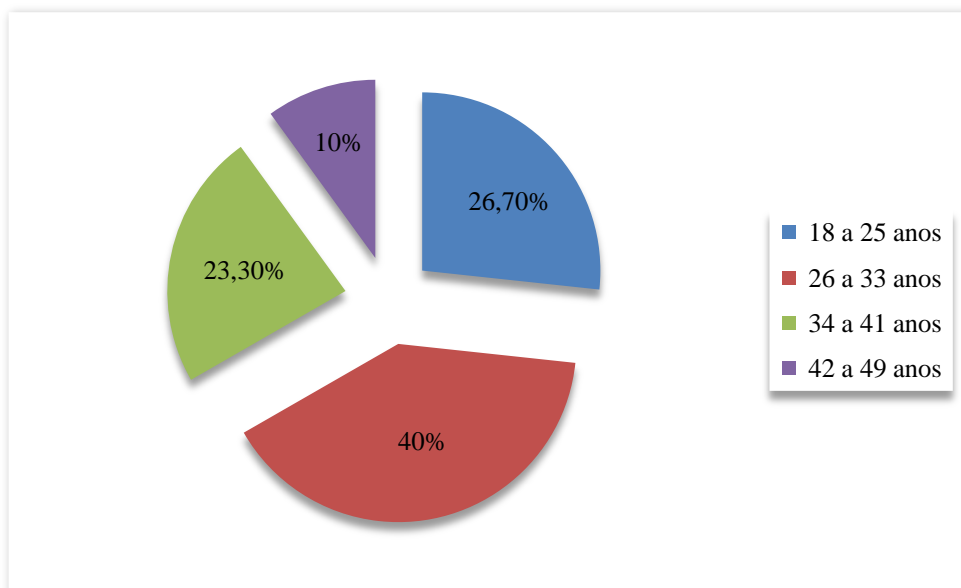
As próximas análises tomaram contornos em relação à questão do trabalho, em específico o cotidiano da mulher que realiza sua atividade laboral nos supermercados e em sua casa quando não está no espaço produtivo. A partir do que fora coletado durante as entrevistas, o que se pretende é demonstrar a rotina diária dessa trabalhadora, que é capaz de enfrentar múltiplas atividades e realizar duplas e triplas jornadas diariamente.

#### 4 O TRABALHO NOS SUPERMERCADOS

Ao analisar as respostas apresentadas pelas trabalhadoras dos supermercados nos questionários, foi possível conhecer o cotidiano dessas mulheres que saem diariamente de suas casas para realizar sua atividade laboral remunerada. Vale afirmar mais uma vez que foram aplicados 30 questionários, do total de 155 mulheres que estão empregadas nos estabelecimentos, correspondendo a uma amostra de 20% do total de trabalhadoras. Julgamos ser um número satisfatório de informações, que permite descrever a rotina diária de trabalho que acontece nos supermercados e se estende aos lares das mulheres, uma vez que elas experimentam cotidianamente a precarização da força de trabalho feminina, ao realizar uma dupla jornada de trabalho diária.

Conforme o Gráfico 1, a maioria das trabalhadoras possui faixa etária entre 26 e 33 três anos de idade, correspondendo a 40% das entrevistadas, seguidas das trabalhadoras com idade entre 34 a 41 anos de idade.

**Gráfico 1** - Faixa etária das trabalhadoras entrevistadas – 2014

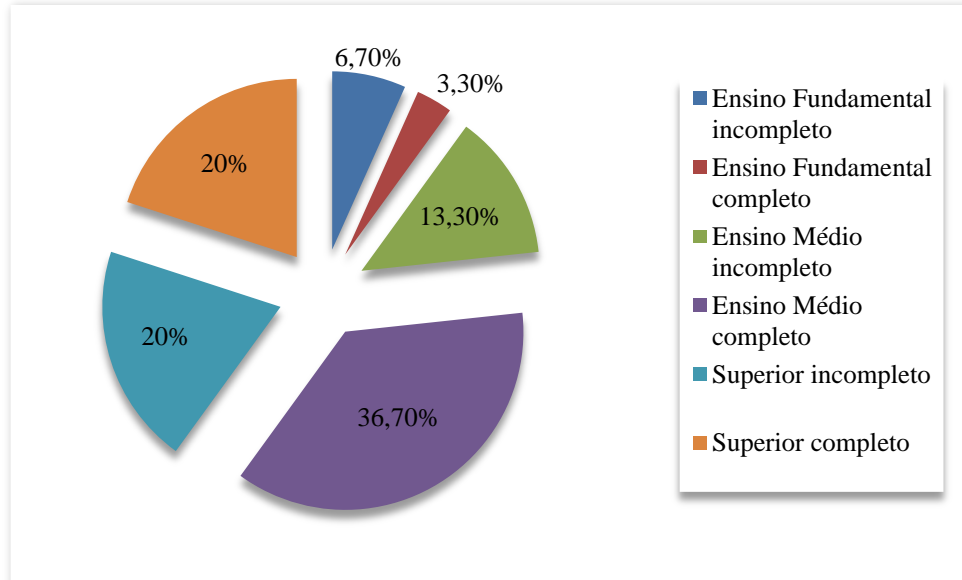


**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). CARDOSO, D. T. (2014).

Acompanhando a realidade nacional, a mulher está mais presente nas escolas primárias, secundárias e de nível superior, alcançando um grau mais elevado de instrução. Segundo o IBGE, em 2010, o percentual de homens com nível superior foi de 9,9% da população, e o das mulheres, 12,5% (IBGE/2010). No caso das participantes da pesquisa, como existe exigência de formação para a admissão em alguns cargos nos supermercados como operadora de caixa, fiscal de caixa e atendentes, uma significativa proporção das trabalhadoras possui nível

básico de formação, como demonstra o Gráfico 2, a seguir.

**Gráfico 2** - Grau de escolaridade das trabalhadoras - 2014



**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). CARDOSO, D. T. (2014).

Como demonstra o gráfico, 36,7% das trabalhadoras concluíram o Ensino Médio, 20% estão cursando o Ensino Superior ou pararam seus estudos na fase de graduação, e outras 20% possuem nível superior, contabilizando uma parcela expressiva de mulheres que estudaram ou estão estudando, se dedicando a uma formação acadêmica e profissional que futuramente irá despertar nelas a necessidade de mudança da sua atual condição econômica e social. Em menor número, totalizando 10%, ficaram as trabalhadoras que ainda não concluíram e/ou que já finalizaram o Ensino Fundamental.

Quando questionadas se gostariam de trabalhar em outro lugar ou de realizar outra função dentro da empresa, 53,3% responderam que sim. Sentem vontade ou percebem a necessidade de realizar uma tarefa que propicie a elas melhores condições de trabalho, remuneração superior e ascensão profissional e, responderam que é através do estudo, da instrução, da formação que podem mudar a situação atual.

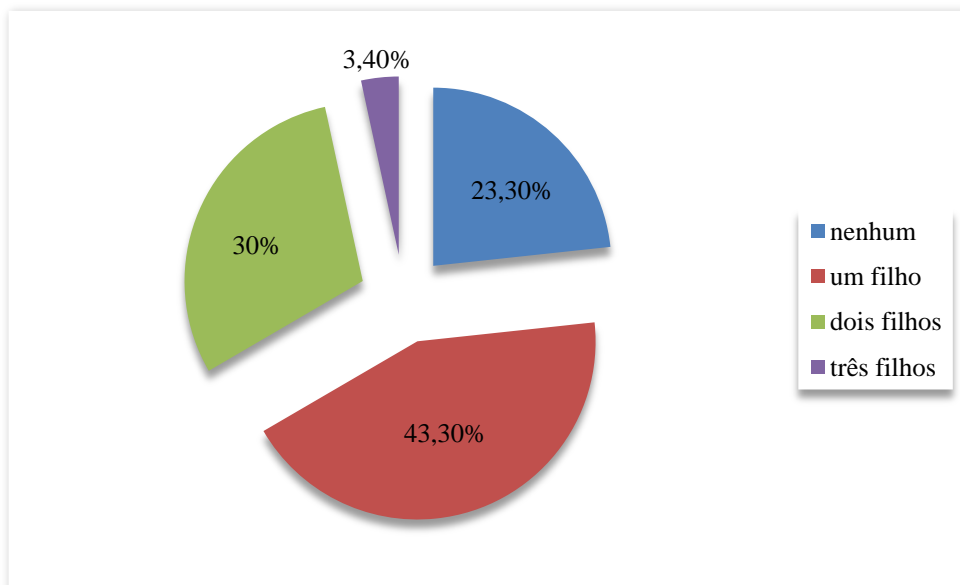
Metade das entrevistadas é casada, 70% do total afirmam ter residência própria e não pagam aluguel de imóvel para abrigar-se e abrigar sua família, que é composta em média pela trabalhadora, esposo e apenas uma filha ou filho, uma vez que uma das notáveis consequências da inserção da mulher no mercado de trabalho é o retardo e a redução da maternidade que socialmente é tarefa somente da mulher, sendo ela responsável por todas as etapas da criação de uma filha ou filho, e sendo obrigada a não deixar a carreira profissional interferir na maternidade.

Conforme Saffioti:

Que a maternidade envolve sérios problemas para o trabalho da mulher nas sociedades competitivas é um truísmo [...] A maternidade não pode, pois, ser encarada como uma carga exclusiva das mulheres. Estando a sociedade interessada no nascimento e socialização de novas gerações como uma condição de sua própria sobrevivência, é ela que deve pagar pelo menos parte do preço da maternidade, ou seja, encontrar soluções satisfatórias para os problemas de natureza profissional que a maternidade cria para as mulheres. (SAFFIOTI, 2013, p. 86)

A mulher atual não desempenha apenas a função de reprodutora da família, e ao dedicar-se aos estudos, a formação e a profissionalização, estão decidindo pela maternidade cada vez mais tarde, optando também por um menor número de dependentes, para que o papel de mãe não tome frente ao papel de trabalhadora, principalmente para aquelas com maior grau de instrução e/ou que ocupam cargos de chefia. Os dados do Gráfico 3 demonstram que as trabalhadoras possuem, em sua maioria, apenas uma filha ou um filho, totalizando 43,3% das entrevistadas, ou apenas dois, que são 30% delas.

**Gráfico 3** - Quantidade de filhas e filhos das entrevistadas - 2014



**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). CARDOSO, D. T. (2014).

É notável a redução da taxa de natalidade como sendo um dos efeitos da elevação do nível de escolaridade e a conseqüente inserção da mulher no mercado de trabalho. Em 1970, a mulher brasileira tinha em média 5,8 filhos, trinta anos depois, esta média era de 2,3 filhos (IBGE/2010), e o número tende a diminuir cada vez mais, já que nos países desenvolvidos são registrados índices inferiores, chegando a 1,5 filhos. A mulher que estuda e se profissionaliza assume uma tarefa remunerada no mercado de trabalho e isso faz com que ela deixe de realizar ou



retarde o casamento e a maternidade, que são etapas da vida que a sociedade lhe impõe, quando na verdade é ela quem tem que decidir pela vida conjugal, ou por ter ou não ter descendentes.

A Tabela 1 descreve as diversas funções desempenhadas pelas entrevistadas dentro dos supermercados, estando as mulheres em praticamente todos os setores dos estabelecimentos. Em maior número estão as trabalhadoras que realizam a função de operadora de caixa, sendo 30% das entrevistadas, o que representa a realidade das lojas que empregam maior parcela da mão de obra trabalhadora para essa função. Estas são seguidas das fiscais de caixa, que acompanham a abertura e fechamento das operações diariamente, a fim de detectar ocasionais erros, como também confirmar as operações realizadas com sucesso, sem danos ou perdas para os estabelecimentos, além de auxiliar nos atendimentos em caso de problemas situacionais, como preços de produtos alterados, mercadorias danificadas ou questões relacionadas à forma de pagamento.

**Tabela 1** - Funções desempenhadas por mulheres nos supermercados

<b>Funções</b>	<b>Valor Absoluto</b>	<b>Valor Relativo</b>
Atendente de balcão	1	3,3%
Atendente de açougue	1	3,3%
Atendente de padaria	1	3,3%
Auxiliar de escritório/ administração	5	16,7%
Auxiliar de limpeza	1	3,3%
Caixa de lanchonete	1	3,3%
Confeiteira	1	3,3%
Fiscal de Caixa	6	20%
Operadora de Caixa	9	30%
Promotora de Vendas de Cartão	1	3,3%
Salgadeira	1	3,3%
Sub-gerente	1	3,3%
Supervisora	1	3,3%

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014).Org.: Cardoso, D. T. (2014)

Quando solicitadas a descreverem as tarefas desenvolvidas em seu trabalho, as Operadoras de Caixa enumeraram uma série de atividades que são exigidas pela sua função, por exemplo, o atendimento ao cliente, que é o propósito principal e fundamental, e que foi citado em praticamente todas as respostas em primeiro lugar. As demais tarefas que fazem parte e/ou são

etapas do atendimento envolvem passar as compras, receber, empacotar, repor mercadorias expostas em seu balcão, realizar limpeza do caixa e dos equipamentos. Como tarefas das operadoras, também foi citada por duas trabalhadoras que atuam no Supermercado Daqui a tarefa auxiliar no fatio e empacotamento de frios, o que deveria ser realizado por uma trabalhadora contratada ou um trabalhador contratado especificamente para isso. Essa contratação não foi realizada pelo estabelecimento citado, a fim de reduzir gastos e custos com contratação de trabalhadoras e trabalhadores. Assim, utilizam da exploração, por meio das múltiplas funções delegadas à empregada, que realiza tarefas em todos os setores do estabelecimento.

Isso demonstra que o estabelecimento utiliza-se de uma única mão de obra trabalhadora para a realização de diversas tarefas durante seu horário de trabalho, sobrecarregando e esgotando física e mentalmente essa trabalhadora, a fim de reduzir os custos com contratações e elevar a lucratividade, conforme Saffioti (2013):

O objetivo de lucro impõe um alto grau de racionalização das atividades da empresa, quer no que tange à busca de fatores de produção baratos a fim de tornar baixo o custo de produção, quer no que tange à continuidade da utilização de elementos imprescindíveis ao bom andamento do negócio. (SAFFIOTI, 2013, p. 87)

A função de Fiscal de Caixa também exige da trabalhadora versatilidade e flexibilidade na realização de inúmeras tarefas concomitantemente e diariamente. Essas trabalhadoras fiscalizam o funcionamento dos caixas, e auxiliam na resolução de problemas que surgem, a fim de alcançar o bom andamento das operações. Realizam as sangrias, que são as retiradas de valores nos caixas durante o movimento diário, fazem as conferências de todo o dinheiro recebido pelas operadoras, além de atender telefonemas, cuidar da reposição de mercadorias e ainda, de acordo com uma entrevistada, trabalhadora do Supermercado Daqui, auxiliar na limpeza da loja. Neste estabelecimento, também é tarefa da Fiscal de Caixa organizar as escalas de trabalho e de folgas, já que elas funcionam em caráter rotativo e são determinadas de acordo com as necessidades do estabelecimento.

As funcionárias que trabalham na administração, que são 16,7% das trabalhadoras, realizam tarefas específicas, sendo que cada uma é responsável por uma área de atividade nos estabelecimentos, como compras e reajuste de preços, notas fiscais e boletos, recursos humanos, e o financeiro. Geralmente trabalham em salas isoladas, em ambientes fechados e bem iluminados, refrigerados e sem participar do cotidiano agitado e tumultuado das lojas, o que não quer dizer que seja um trabalho fácil, pois é cansativo e estressante. Ficam longos períodos do dia sentadas praticamente na mesma posição, e realizam constantemente movimentos repetitivos, como

escrever e digitar ao computador.

Sobre tais movimentos, 83,3% das entrevistadas afirmaram realizá-los durante suas tarefas diárias, como andar praticamente o tempo todo, fatiar frios, passar mercadorias no leitor, digitar no teclado do computador, cortar carne, decorar bolos, limpar as vitrines onde estão expostos os produtos de lanchonete e padaria e até contar dinheiro durante praticamente todo o expediente. Os supermercados deveriam disponibilizar um tempo mais extenso para o descanso, de dois ou mais intervalos no decorrer da escala diária, em vez de apenas um intervalo como ocorre atualmente.

A entrevistada responsável pela limpeza da loja onde trabalha afirma também realizar tarefas que vão além das determinadas pela sua função. Fato que não acontece somente no estabelecimento citado, sendo também registrado nas demais lojas onde foi realizada a pesquisa. Realizar diariamente a limpeza das lojas não é uma tarefa simples e fácil de fazer. É uma tarefa difícil e pesada, pois os supermercados ocupam uma enorme área, com muitos móveis no salão, muitas pessoas circulando constantemente, além de inúmeras salas na retaguarda, banheiros e demais dependências ocupando praticamente todo o tempo da trabalhadora. Além de todas as tarefas relacionadas à higiene, da loja ela ainda realiza atividades nas quais deveria ser empregada mão de obra específica, havendo pessoas encarregadas, por exemplo, da reposição, organização e limpeza dos hortifrúti, e uma responsável pelo atendimento aos clientes durante as compras.

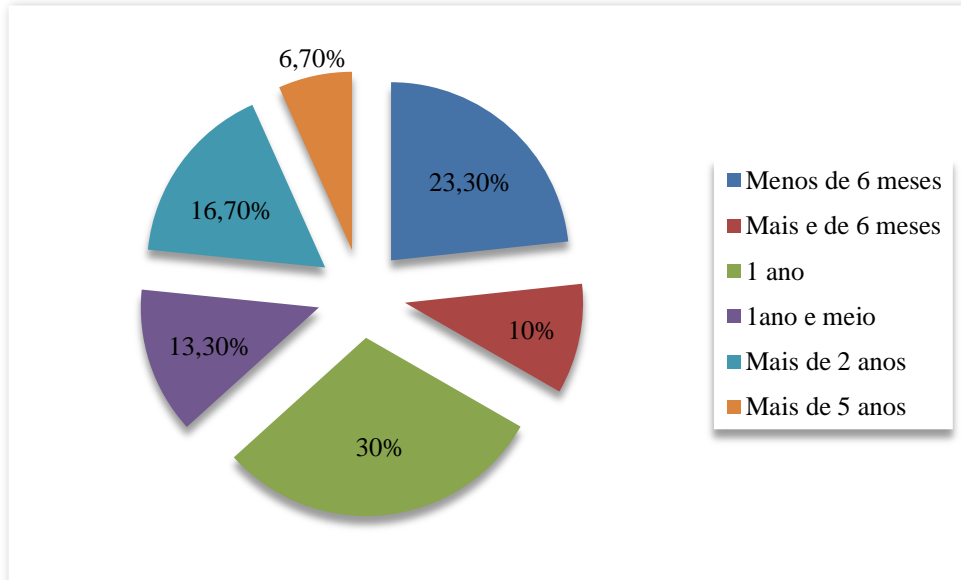
A atendente de padaria realiza a limpeza das vitrines onde estão expostos os produtos para venda, embala as mercadorias, assa os pães e atende a clientela, realizando todas essas atividades praticamente ao mesmo tempo. Tarefas que são realizadas pela salgadeira na lanchonete, que limpa, atende, assa e vende os salgados, e pela atendente de açougue, que prepara as carnes para exposição e venda, é responsável pela organização e limpeza do espaço destinado à venda de carnes e pelos atendimentos, realizando o contato direto com os compradores.

A Promotora de cartões do Supermercado Tá Barato, além das metas a serem atingidas pelas vendas dos cartões de crédito, que facilitam a venda com pagamento posterior à data da compra pelo estabelecimento, realiza cobranças das faturas em atraso, pesquisa preços nas lojas concorrentes e faz os cartazes de preços promocionais de toda a loja em que trabalha diariamente.

As trabalhadoras realizam de forma intensa inúmeras atividades diárias, que vão além das delegadas a função para a qual foram contratadas, intensificando ainda mais a precarização de toda a classe trabalhadora (NOGUEIRA, 2011, p.139). É uma maneira que o capital utiliza para reproduzir-se, por meio da exploração da mão de obra dos empregados, que em muitos casos ainda convivem diariamente com a ameaça da perda do emprego. Como relataram, 30% das

trabalhadoras foram contratadas há apenas um ano, seguidas das que iniciaram menos de seis meses, que são 23,3% delas. Apenas uma pequena parcela está empregada há um período de dois a cinco anos, totalizando 23,4% conforme mostra o Gráfico 4.

**Gráfico 4 - Tempo de contratação das trabalhadoras nos supermercados - 2014**



**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). CARDOSO, D. T. (2014).

A insegurança é sentida pela empregada constantemente, as cobranças são inúmeras e as ameaças também, não sendo admitidos erros durante a realização das tarefas e gerando problemas ao cliente e ao empregador, que rapidamente substitui a trabalhadora por outra, acarretando uma série de prejuízos, dentre eles a falta do salário no final do mês para suprir as necessidades básicas de sobrevivência e cumprir com os compromissos relacionados a compras financiadas, uma vez que 70% das entrevistadas disseram utilizar a motocicleta como meio de transporte para se deslocar de casa para o trabalho e vice-versa. É provável que tenham adquirido os veículos em planos de pagamentos posteriores à compra, parcelados em inúmeros pagamentos, sendo o dinheiro para os mesmos obtido como resultado de sua força diária de labuta.

Isso sem mencionar os gastos ocasionais com manutenção e os diários com combustível, que não são remunerados pelos empregadores ainda que a trabalhadora opte por esses gastos objetivando facilitar seus deslocamentos diários, que se tornam dificultosos se ela residir em bairros distantes dos estabelecimentos. Esse não é o caso de 13,3% das entrevistadas, que vão a pé para o trabalho por morarem próximo e de 6,7% que apesar de não residirem tão próximas, aproveitam o momento para realizar uma atividade física e utilizam a bicicleta como meio de locomoção. Apenas uma declarou ir de carro ou moto, correspondendo a 3,3% das

respostas. O restante, 6,7%, não respondeu a essa questão.

Ainda com relação à insegurança que as trabalhadoras sentem em relação à sua estabilidade empregatícia, há uma exigência de atitudes que se tornam padrão para todos os atendimentos, como é o caso do cumprimento ao receber a clientela, ou o recebimento e a emissão do troco juntamente com o cupom fiscal, ou ainda a tarefa de embalar as compras, o que faz com que a atitude mecanizada das trabalhadoras as torne vulneráveis e suscetíveis a substituição.

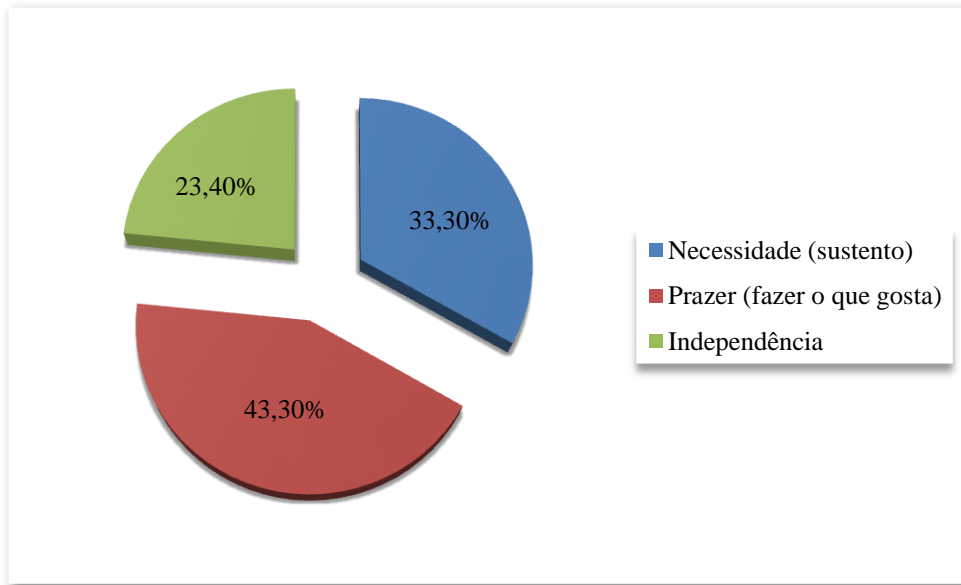
É sabido também que há trabalhadoras que se sobressaem em relação esses comportamentos e procedimentos acima citados, pois cada pessoa é diferente da outra e essa diferença deve ser respeitada e levada em consideração quando for avaliada. Mas o que se torna relevante é que para o empregador não há empecilho algum em substituir empregadas e empregados que não estejam correspondendo totalmente aos interesses da empresa.

#### **4.1 A necessidade de uma atividade remunerada**

A necessidade da garantia do sustento diário é apontada como um dos significados do trabalho para as comerciárias, 33,3% delas. A maior parte delas, porém, se refere ao prazer, o ato de fazer o que gosta, que incluiu 43,3% das respostas. Porém, é sabido que essa afirmação é uma forma de esconder o descontentamento em realizar uma atividade remunerada em condições de precariedade, com longas escalas e intensas jornadas, como expõe Saffioti (2009), ao afirmar que para a mulher o trabalho aparece como garantia de sustento diário:

Atentando-se para o fato de que o salário não representa o valor criado pelo produtor imediato e que muitas vezes não chega mesmo a corresponder às necessidades de produção e reprodução da vida do trabalhador, pode-se afirmar, com segurança, que à mulher das camadas menos privilegiadas o trabalho se impõe como meio de subsistência. (SAFFIOTI, 2013, p. 71)

O trabalho aparece como forma de sobrevivência para a vida das trabalhadoras, como satisfação pessoal e também como busca da independência financeira, que não aparece como prioridade entre as entrevistadas, como demonstra o Gráfico 5.

**Gráfico 5** - Definição de trabalho para as entrevistadas – 2014

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). CARDOSO, D. T. (2014).

Muitas delas afirmam estar hoje empregadas nos supermercados por ser esse o local onde tiveram a oportunidade de trabalho com garantias trabalhistas de acordo com a CLT, como carteira assinada, salário mínimo, folgas, férias, décimo terceiro, FGTS e, em alguns estabelecimentos, horas extra e adicional noturno, como é exposto na Tabela 2 a seguir.

**Tabela 2** - Por que você hoje trabalha nos supermercados

Respostas	Valor Absoluto	Valor Relativo
Onde tive oportunidade	10	33,3%
Porque gosta do que faz	9	30%
Falta de oportunidade melhor	7	23,3%
Por ser próximo de casa	2	6,7%
Por ser bom	1	3,3%
Porque preciso	1	3,3%

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). Org.: Cardoso, D. T. (2014).

Com base nas respostas da Tabela 2, a afirmação anterior, de que trabalhar para as funcionárias dos supermercados é um prazer, é uma forma encontrada por elas de procurar ver o lado bom da imposição do trabalho por necessidade financeira, que também é uma estratégia do capital de explorar a mão de obra trabalhadora, criando no imaginário da empregada a sensação de prazer e bem estar, enquanto pertencente àquela equipe, necessitando do trabalho para sua existência. A atividade de trabalho, nas diferentes formas que assume ao longo da história, não é

senão o resultado histórico da luta do ser humano (homens e mulheres) com a natureza no processo social de produção da sua vida (SAFFIOTI, 2013, p.70).

A alienação das empregadas, realizada por parte dos empregadores, é a maneira pela qual os empresários extraem da forma mais intensa a força de trabalho, de modo que a trabalhadora sinta-se parte integrante daquela determinada empresa. Chamada de colaboradora, ela participa de forma mais eficiente na execução das operações e se sente responsável pelo alcance no sucesso nas vendas, mesmo que não participe da partilha dos lucros da empresa ao final de determinado período. Elas não percebem que o que recebem como remuneração ao findar de cada mês é uma mínima expressão de todo o montante que fora produzido por sua força de trabalho durante esses trinta dias.

De acordo com o que declararam em relação a sua faixa salarial, 43,3% afirmaram receber um salário mínimo<sup>6</sup>, e 50% um salário mínimo e meio. Este valor já é contabilizado com a gratificação salarial que recebem 70% das trabalhadoras, que provém de salário família<sup>7</sup>, de acordo com a Lei Nº 4.266, que destina remuneração pra trabalhadoras e trabalhadores com filhas e filhos. O valor já inclui também a comissão dos cartões vendidos pela promotora de vendas e a quantia adicional para as operadoras de caixa, chamada de “fundo ou quebra de caixa”<sup>8</sup>. Trata-se de um fundo de reserva, em caso de faltar algum valor para o estabelecimento receber em uma conferência diária das operações. Nesses casos, o valor é repostado por essa reserva, e ao final de cada mês a operadora recebe a quantia que não foi utilizada para o determinado fim, ou seja, o que lhe sobrou. O salário é, como vimos, o preço de uma determinada mercadoria, a força de trabalho (MARX, 2010, p.120).

As demais trabalhadoras, 6,7% delas, disseram receber dois salários mínimos e dois salários mínimos e meio. Estas ocupam cargos de chefia com responsabilidades sobre toda a loja e por isso recebem um valor superior de remuneração, se comparadas ao restante das funcionárias. Por fim, 30% das trabalhadoras não recebem nenhum tipo de gratificação, por não terem dependentes e não estarem desempenhando a função de operadora de caixa.

Como as casadas estão em maior número e recebem de um a um salário mínimo e meio mensalmente, 60% afirmaram que seus salários são inferiores aos salários de seus companheiros. 6,7% recebem salários iguais, 10% possuem renda superior e 23,3% não

<sup>6</sup> A partir de 1º de janeiro de 2015, o salário mínimo será de R\$ 788,00 (setecentos e oitenta e oito reais).

<sup>7</sup> O salário-família, instituído por esta lei, será devido, pelas empresas vinculadas à Previdência Social, a todo empregado, como tal definido na Consolidação das Leis do Trabalho, qualquer que seja o valor e a forma de sua remuneração, e na proporção do respectivo número de filhos. O salário-família será pago sob a forma de uma quota percentual, calculada sobre o valor do salário-mínimo local, arredondado esta para o múltiplo de mil seguinte, por filho menor de qualquer condição, até 14 anos de idade.

<sup>8</sup> A quantia referente ao “fundo ou quebra de caixa” varia entre R\$ 86,00 (oitenta e seis reais) e R\$ 90,00 (noventa reais), de acordo com cada estabelecimento.

responderam por acharem desnecessário disponibilizar a informação, por optarem não declarar nenhuma dedução de valores em relação à renda do casal e/ou por fazerem parte do quantitativo das que se declararam solteiras.

Tais mulheres não são as principais provedoras financeiras de suas casas. Apenas 23,3% delas deram resposta afirmativa a essa questão, confrontadas com 76,7% das respostas afirmando que é necessária a renda igual ou superior do companheiro para suprir as necessidades domésticas, como alimentação, água encanada, energia elétrica, saúde, educação e lazer. A participação das trabalhadoras toma um caráter parcial, com 53,3% delas contribuindo financeiramente como complemento das despesas de toda a família, o que não seria possível somente com o salário do homem. Dessa forma, podemos afirmar que o dito valor “complementar” do salário feminino é, na grande maioria das vezes, imprescindível para o equilíbrio do orçamento familiar, especialmente no universo do proletariado (NOGUEIRA, 2011, p.105, grifos da autora)

Participam de maneira igualitária 23,3%, e 16,7% responderam ter total responsabilidade com as despesas de suas casas por morarem sozinhas ou com filhas e filhos. 6,7% não responderam. Algumas dessas mulheres, que se declararam solteiras e são as principais provedoras econômicas de suas casas, assumiram esse papel logo que se separaram e/ou divorciaram e tiveram que assumir uma atividade remunerada fora de seu lar para garantir o seu sustento.

Apenas 13,4% dessas mulheres possuem outra renda adicional, complementando sua remuneração mensal. 86,6% disseram não possuir remuneração extra e não realizar outra atividade remunerada além do trabalho diário nos supermercados. As trabalhadoras, para obterem um salário adicional, realizam inúmeras jornadas diariamente, pois são donas de casa, sendo obrigadas a realizar os serviços domésticos, cumprir suas escalas nos supermercados e ainda conseguir realizar vendas autônomas, fazer bolos após trabalhar o dia todo como confeitadeira na padaria do supermercado e trabalhar em salão de beleza montado em sua própria casa para realizar os atendimentos, estando presente em seu domicílio e conciliando o tempo com os cuidados com a casa. É óbvio, portanto, que a mulher sofre mais diretamente do que o homem os efeitos da apropriação privada dos frutos do trabalho (SAFFIOTI, 2013, p. 73).

Essa rotina diária exaustiva e desgastante é imposta à trabalhadora diariamente, com 13,3% delas realizando jornada de trabalho de seis horas, iniciando sua escala às seis da manhã e finalizando no início da tarde. 66,7% declararam trabalhar oito horas diárias e 20% disseram que suas jornadas são superiores a oito horas de trabalho, estando estas escaladas para iniciarem sua jornada no turno vespertino e finalizando no noturno, com o horário previsto pra vinte e duas



horas, o que constantemente não acontece porque o supermercado não encerra o atendimento enquanto há entrada de clientes. Além disso, após todos finalizarem suas compras, funcionárias e funcionários realizam tarefas de fechamento, arrumação e preparação para o funcionamento do dia seguinte.

Trabalhavam anteriormente aos supermercados em outros lugares e desempenhavam as mais distintas funções, conforme a Tabela 3 abaixo:

**Tabela 3** - Qual função remunerada exerciam anterior aos supermercados

<b>Função</b>	<b>Valor Absoluto</b>	<b>Valor Relativo</b>
Operadora de caixa	9	30%
Auxiliar de escritório	6	20%
Não trabalhava	5	16,7%
Vendedora	3	10%
Professora	2	6,8%
Atendente	1	3,3%
Auxiliar de produção	1	3,3%
Confeiteira	1	3,3%
Diarista	1	3,3%

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). Org.: Cardoso, D. T. (2014).

A trabalhadora vê a possibilidade de emprego na abertura de novos supermercados, como ocorreu na última década no município, com a instalação de duas lojas das três que são pesquisadas. Também tem peso a possibilidade de estar empregada em um local provavelmente próximo de sua casa, podendo estar todos os dias e principalmente à noite com sua família, o que anterior ao funcionamento das lojas era atingido com muita dificuldade, por terem disponíveis poucas oportunidades de emprego com essas condições, sendo obrigadas a empregar-se nas indústrias instaladas no Distrito Agroindustrial, com escalas de trabalho noturno até durante a madrugada, ficando a noite toda longe de casa. Como outra opção, havia a prestação de serviços em um Resort localizado em um município próximo, necessitando de deslocamento diário para o trabalho, com escalas durante a noite toda também.

É possível perceber que um maior quantitativo das funcionárias 30% delas já trabalhava anteriormente como operadoras de caixa em outros supermercados do município. 16,7% delas não trabalhavam e o trabalho atual é seu primeiro emprego, por estarem no mercado de trabalho após terem adquirido idade, ou, como já citado anteriormente, foram obrigadas a enfrentar a rotina de trabalho por estarem solteiras e terem como responsabilidade o sustento de

suas casas. Profissões como coreógrafa, professora, vendedora, atendente, auxiliar de produção, confeitadeiras e diarista eram praticadas pelas mulheres que hoje trabalham nos supermercados.

#### **4.2 A importância do trabalho e as situações de pressão e desconfortos enfrentados cotidianamente**

Quando perguntadas sobre a importância do trabalho para elas, responderam ser importante por acumular aprendizado, proporcionar a troca de experiências e conseqüentemente crescimento pessoal e profissional, dignidade, entre outras respostas que compreenderam 70% das opiniões das trabalhadoras. Para 26,7% delas, o trabalho torna-se fundamentalmente importante pelo salário ao final de cada mês, garantindo o suprimento das necessidades básicas de sobrevivência, uma forma de garantir recursos para proporcionar estudo para filhas e filhos. Houve também quem respondesse que por meio do trabalho objetiva alcançar a tão sonhada independência financeira feminina, que poderá vir a ser a chave para abrir inúmeras portas de oportunidades e o alcance da liberdade do sexo, livrando-se de estereótipos e imposições que lhes são impostas.

Responderam quase que com unanimidade gostarem do que fazem, totalizando 96,7%. Apenas 3,3% disseram não estarem satisfeitas com seu trabalho. Isso apesar da exigência por parte dos estabelecimentos em relação aos cuidados com a aparência, uma vez que 96,7% delas confirmaram que é uma determinação e exigência para o cumprimento de suas funções que elas estejam com seus uniformes limpos, bem passados, cabelos bem penteados, presos e maquiadas. Isso proporciona bem-estar à mulher, elevando sua autoestima e fazendo com que se sintam bem, e conseqüentemente mais felizes.

Os estabelecimentos disponibilizam os uniformes para que as trabalhadoras se apresentem cotidianamente identificadas com a marca da empresa. É importante ressaltar que o Supermercado Tá Barato oferece, além do uniforme completo, um kit com batom e uma tela para os cabelos, facilitando que os mesmos fiquem presos durante todo o expediente e de forma igual para todos, como também EPIs para as funções que exigem o uso dos equipamentos.

Durante a realização da pesquisa, foi possível ter acesso ao Regulamento Interno do Supermercado Tá Barato, que tem inicialmente uma sucinta nota sobre a história do estabelecimento. Já em seguida estão as normas gerais, chamando funcionárias e funcionários de colaboradores e estabelecendo procedimentos padrão que deverão ser seguidos e executados por

todas as empregadas e todos empregados, objetivando o bom funcionamento do estabelecimento.

Trata ele de esclarecer sobre normas de condutas e comportamentos com clientes e colegas, definição de jornada de trabalho, esclarecimentos sobre horas extras e punições referentes a atrasos e faltas, registros de ponto, folgas, férias e remuneração. O que pode ser observado é que todo o documento é redigido com caráter impositivo e ameaçador por parte do estabelecimento, fazendo com que a trabalhadora aceite e se sujeite a tais exigências e imposições, submetendo-se as ordens definidas pelos empregadores, mesmo que isso lhe cause desconforto e descontentamento, por necessidade de trabalhar para garantir seu sustento diário, ajudar nas despesas domésticas e alcançar a emancipação financeira.

A determinação de metas e a exigência de cumpri-las é uma forma encontrada pelas lojas de pressionar as trabalhadoras para que as mesmas elevem a produtividade, melhorem os atendimentos e alcancem aumento das vendas, e conseqüentemente a arrecadação em um determinado período estipulado pelos gestores. 63,3% afirmaram ter metas a serem cumpridas, enquanto 36,7% disseram que não.

Subtende-se que as funcionárias de determinados setores, como o administrativo e os serviços de limpeza, não recebem a cobrança do estabelecimento de metas, que são destinadas para quem trabalha diretamente com as vendas, como as atendentes dos balcões, gerentes, supervisoras, fiscais e operadoras de caixa.

Estar à frente dos pontos de venda, principalmente nos caixas, expõe as trabalhadoras a vários riscos, entre eles de violências como o caso de assaltos, estando muito vulneráveis por portarem muito dinheiro e se encontrarem em lugar estratégico para movimentação. 56,7% delas acham que sua função lhes expõe a algum risco. Há também outros riscos como choques térmicos e elétricos, cortar as mãos, e doenças causadas por movimentos repetitivos, ou por estarem diretamente expostas ao ar condicionado. 43,3% classificaram como seguras suas funções, julgando não ficar expostas a nenhum tipo de risco diariamente.

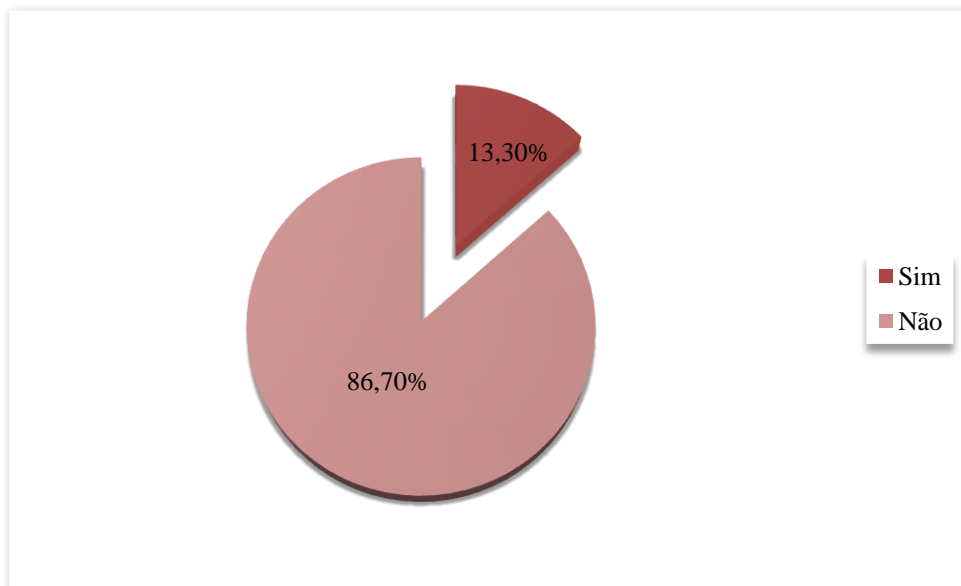
Mas, apesar do constante risco de adquirir uma doença durante o trabalho ou causada pelo mesmo, 83,3% responderam que não sofrem ou não sofreram nenhum tipo de doença, sendo que 16,7% responderam que sim. A constante exposição ao ar condicionado pode causar pneumonia e outras doenças respiratórias, a posição diária sentada ou de pé, os movimentos repetitivos, o levantar e arrastar mercadorias pesadas podem causar danos à coluna e a demais músculos e ossos do corpo. Além de problemas relacionados ao uso frequente do computador, como ardor nos olhos, dores de cabeça e até complicações relacionadas à produção de lágrimas. 40% responderam conhecer alguém que sofre ou já sofreu com algum tipo de doença causada pela atividade laboral, e 60% disseram não conhecer nenhum fato relacionado.

No que se refere ao contato direto com a clientela, afirmaram em maior proporção 53,3% não terem passado por nenhuma situação de constrangimento com o cliente durante o atendimento, ou com a empresa. Mas situações emblemáticas, complicadas e constrangedoras aconteceram com 46,7% das entrevistadas que disseram acontecer principalmente com clientes insatisfeitos com algum contratempo ocorrido durante as compras.

Uma das situações que geram maior desconforto é em relação ao assédio. Ele pode partir do patrão, dos encarregados e principalmente dos clientes que estão em maior número e podem confundir o bom atendimento, a educação e a gentileza durante o atendimento e praticar algum ato e/ou falar palavras que assediem a trabalhadora. Por imposições de uma sociedade machista, tal tipo de violência ainda é pouco publicada e denunciada.

Por medo de perder o emprego, a trabalhadora não reage, não reclama, não denuncia e tampouco declara passar por essas situações, como demonstram as respostas das trabalhadoras no Gráfico 6.

**Gráfico 6** - Assédio sofrido pelas trabalhadoras por patrões, clientes ou colegas - 2014



**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). CARDOSO, D. T. (2014).

Somente 13,3% das trabalhadoras responderam que sofrem ou já sofreram algum tipo de assédio por parte do patrão, colegas ou clientes e em oposição a 86,7%, que disseram que nunca passaram por situações iguais a essa. As trabalhadoras que afirmaram positivamente responderam que ignoraram e continuaram o atendimento, não se defendendo. Apenas uma relatou o ocorrido aos superiores, sem nos dar maiores informações sobre o que ocorreu posteriormente.

As trabalhadoras não devem aceitar tal fato, devem denunciar o ocorrido não só em seu local de trabalho, mas em todos os lugares e situações em que isso ocorrer. Como também não devem permitir aceitar e tampouco omitir fatos relacionados a algum tipo de preconceito e discriminação, que são apontados como fatos não ocorridos por 80% das entrevistadas, e afirmados por 20% delas. Mais uma vez é uma questão pertinente, já que as trabalhadoras, por medo de retaliações, advertências e até mesmo demissão suportam todas essas formas de desrespeito para não provocarem conflitos, ocasionando transtornos para os supermercados.

### **4.3 A extensão da jornada diária**

Ao chegar às suas casas após uma escala de trabalho de 6 ou de 8 horas, a comerciária depara-se com a obrigatoriedade de realizar todos os serviços domésticos. Aquelas que iniciaram suas jornadas no período vespertino realizam as tarefas domésticas antes mesmo de dar início ao trabalho nos supermercados, e quando vão a suas casas durante o intervalo do almoço ou do jantar, não utilizam o tempo para o descanso e sim para o preparo da refeição, limpeza e arrumação. Assim, quando retornam aos seus postos estão ainda mais cansadas.

Por imposições socioculturais antepassadas, cuidar da casa ainda persiste como sendo atividades exclusivamente destinadas à mulher, que ao sair de seu lar para realizar uma atividade remunerada é obrigada a empregar outra mão de obra de feminina para a função. A maior parte das trabalhadoras, 93,3%, disseram realizar todas as tarefas domésticas em suas casas. Apenas 6,7% responderam que não se ocupam em cuidar da casa, seja por morarem com os pais, sendo que a mãe é quem cuida dos afazeres domésticos, seja por contratarem outra mulher para cuidar da casa. Lavar, passar, arrumar, cozinhar, fazer compras e cuidar das crianças são trabalhos que demandam tempo e ocupam praticamente todo o intervalo destinado ao descanso da trabalhadora. A sociedade necessita do trabalho das mulheres cujos rendimentos são imprescindíveis para sua sobrevivência (SAFFIOTI,2013, p.70).

Em sua maioria, 56,7%, delas afirmam que recebem alguma ajuda na realização do trabalho doméstico. 43,3% o fazem solitárias, sem nenhum auxílio. A ajuda parte da mãe, das filhas, filhos e do companheiro, e acontece de maneira parcial, pois esses não assumem as tarefas de forma igualitária e tampouco com total responsabilidade sobre elas, sendo determinadas para a trabalhadora dos supermercados, que além de comerciárias recebem o título de “donas de casa” e todo o ônus que provêm da titulação.

De acordo com Nogueira (2011), a ajuda do homem para a mulher nos serviços domésticos acontece de forma parcial:

[...] a participação dos homens no trabalho doméstico se encontra limitada a uma ajuda pontual, ou até mesmo a uma atuação eventual. Dessa forma, as mulheres se mantêm como as principais responsáveis pela organização e efetivação das tarefas domésticas. Já os homens, por sua vez, dedicam mais o seu tempo no espaço reprodutivo quando nos referimos aos cuidados com os filhos e também as compras nos supermercados. (NOGUEIRA 2011, 95-96)

Os homens não se sentem na obrigação e não percebem a necessidade de dividir o trabalho doméstico, já que o lar pertence aos dois, e conjuntamente desfrutam dos benefícios da realização da arrumação, limpeza e do preparo diário da comida e o fazem parcialmente, selecionando o que fazer e principalmente quando fazê-lo. Assim, o espaço reprodutivo é um lugar onde se expressam vários vínculos sociais, em particular a divisão sexual do trabalho. (NOGUEIRA, 2010, 110)

A destinação das tarefas somente às mulheres ainda segue modelos antepassados, quando elas não exerciam uma função remunerada e direcionavam todo o seu tempo e a sua força de trabalho aos cuidados com a casa e a procriação. O que não é levado em consideração é o papel e a importância que o trabalho doméstico realizado pela mulher toma para o orçamento mensal, já que, ao realizar duplas e triplas jornadas preparando a comida, lavando e passando as roupas, cuidando da arrumação e limpeza da casa, ela contribui para a redução de gastos em que seria utilizado o orçamento familiar para pagar os custos, caso fosse necessário realizar refeições diárias fora de casa e contratar mão de obra para realizar as atividades domésticas, o que é feito diariamente sem remuneração.

Como já demonstrado, algumas delas trabalham nos supermercados, realizam todas as tarefas domésticas e ainda trabalham em outras funções, estendendo suas jornadas para complementar a renda mensal da família, assumindo uma tripla jornada. Se, por um lado, a participação masculina perante as tarefas domésticas é limitada, por outro, a feminina é ampla. (NOGUEIRA, 2011, p. 97)

A mulher utiliza todo o seu tempo diário para trabalhar, seja no espaço produtivo como no reprodutivo, desenvolvendo atividades remuneradas ou não, realizando duplas e até triplas jornadas diariamente, como é o caso das funcionárias que realizam outros trabalhos além dos supermercados para complementar suas rendas.

As inúmeras tarefas, as determinações e imposições colocadas pelo empregador dificultam que a comerciária destine um tempo livre para cuidar-se, principalmente no que se

refere à saúde. 60% das entrevistadas afirmaram terem realizado consultas de rotina e/ou terem ido ao médico pela última vez nos últimos seis meses. Porém, registraram que essa consulta deu-se pela necessidade da realização do exame de admissão exigido pelos estabelecimentos como critério de contratação. No último ano, 13,3% delas foram ao médico, 16,7% se consultaram há mais de um ano e 10% disseram que não realizam uma consulta médica há mais de dois anos. O que não é um procedimento correto, pois as consultas periódicas de rotina ao ginecologista, cardiologista ou oftalmologista dentre outras especialidades podem evitar uma série de doenças, descobrir outras em fase inicial, tornando possível o tratamento e a cura.

De acordo com o Regulamento Interno do Supermercado Tá Barato, as faltas por questões de saúde são abonadas, mas o atestado médico deverá ser apresentado em até 48 horas. Caso isso não ocorra, a justificativa não será aceita e os dias não trabalhados por motivo de doença ou por qualquer outro motivo serão diminuídos dos dias de férias da trabalhadora, conforme o Quadro 3:

**Quadro 3** - Período de férias: de acordo com faltas injustificadas

<b>Faltas Injustificadas</b>	<b>Direito de Férias</b>
até 5 dias de faltas	30 dias
de 6 a 14 dias de faltas	24 dias
de 15 a 23 dias de faltas	18 dias
de 24 a 32 dias de faltas	12 dias
acima de 32 dias de faltas	perde direito a férias

**Fonte:** Pesquisa de campo (2014). Org.: Cardoso, D. T. (2014)

Toda trabalhadora e todo trabalhador tem o direito de 30 dias de férias anualmente, após trabalhar por 12 meses, de acordo com o artigo 129<sup>9</sup> da CLT sem nenhuma redução em sua remuneração. A consolidação não permite que o empregador desconte os dias faltados sem a justificativa no período destinado às férias. Porém, o artigo 130<sup>10</sup> da referida lei, permite a redução dos dias nas férias em quantidades proporcionais em relação aos em que a trabalhadora ou o trabalhador se ausentou de suas funções durante esse período, conforme está exposto no Quadro 3.

<sup>9</sup>Art. 129 - Todo empregado terá direito anualmente ao gozo de um período de férias, sem prejuízo da remuneração.

<sup>10</sup>Art. 130 - Após cada período de 12 (doze) meses de vigência do contrato de trabalho, o empregado terá direito a férias, na seguinte proporção: I - 30 (trinta) dias corridos, quando não houver faltado ao serviço mais de 5 (cinco) vezes; II - 24 (vinte e quatro) dias corridos, quando houver tido de 6 (seis) a 14 (quatorze) faltas; III - 18 (dezoito) dias corridos, quando houver tido de 15 (quinze) a 23 (vinte e três) faltas; IV - 12 (doze) dias corridos, quando houver tido de 24 (vinte e quatro) a 32 (trinta e duas) faltas.

No que se refere ao tempo destinado ao lazer, 60% afirmaram que realizam alguma atividade de lazer e 40% responderam que não têm tempo para o descanso e não desfrutam de momentos de folga e diversão. As trabalhadoras disseram aproveitar seu tempo livre de compromissos com diversas atividades, tais como, caminhada ao final da tarde, passeio na pracinha com filhas e filhos, reunião com amigas e amigos e familiares. Desfrutam do contato com a natureza em fazendas, gostam de dançar, saem para jantar e beber com os companheiros em lanchonetes ou restaurantes e viajam. Em síntese, todas as atividades relacionadas ao convívio familiar, o que praticamente não acontece durante o período em que cumpre sua escala de trabalho dentro e fora de casa. Também é importante destacar que, ao afirmarem que desfrutam de um período destinado ao lazer, registram que o mesmo acontece apenas quando sobra tempo, ou seja, essa prática não é uma rotina diária ou semanal para as trabalhadoras e sim uma eventualidade.

As demais, que responderam que em sua rotina diária não praticam alguma atividade de lazer ou descanso, foram objetivas ao afirmarem que durante o dia não lhe sobra nenhum período de tempo para que elas destinem a reuniões com familiares e amigos, passeios, viagens ou outras formas descritas de lazer.

Percebe-se então que o período de tempo reservado para o descanso, para as práticas esportivas e o lazer é inexistente para algumas trabalhadoras ou o mínimo possível para aquelas que em meio a jornadas nos supermercados e inúmeras tarefas domésticas nos períodos de intervalos e folgas, ainda conseguem desfrutar de momentos calmos, relacionar-se com familiares e amigos e principalmente fazer o que gostam, recarregando as energias para que recomecem novas jornadas, amenizando o estresse relacionado ao intenso ritmo de trabalho.

Todas as trabalhadoras dos três supermercados estão filiadas ao SECEG – Sindicato dos Empregados do Comércio de Goiás, que está de forma presente e atuante nos estabelecimentos, fiscalizando a fim de corrigir e punir erros dos empregadores em relação aos direitos das trabalhadoras e trabalhadores, além de também participar do processo de rescisão contratual, certificando a exatidão do acerto de contas com funcionárias e funcionários.

O sindicato atua em todo o estado de Goiás exceto nos municípios de Anápolis, Itumbiara, Iporá, Jataí, Rio Verde e entorno de Brasília, cidades que possuem seus sindicatos locais e independentes. Disponibiliza alguns benefícios, como convênios com farmácias, óticas e especialidades médicas, além de departamento jurídico, estética corporal e cursos de informática e idiomas que não são utilizados pelas trabalhadoras que residem no interior do estado, já que esses serviços só estão disponíveis nas sedes do SECEG, instaladas na capital do estado, Goiânia (GO).

Entre os supermercados, não há trabalhadoras que trabalham em regime terceirizado,



sendo que apenas o Supermercado Tá Barato contrata mão de obra terceirizada para a realização de entregas de compras nos domicílios, a qual é feita por homens. As demais lojas também empregam mão de obra masculina para a função, porém estão vinculados aos próprios estabelecimentos, e são funcionários dos supermercados.

Durante o período de observações e o contato direto com as trabalhadoras, foi possível conhecer o que se passa por trás de um simples atendimento em um supermercado. Ao finalizar as entrevistas e analisar as informações colhidas durante o trabalho de campo, foi possível observar a rotina diária de trabalho nos supermercados, que é uma tarefa árdua e cansativa que exige muita atenção, esforço físico e mental, e que, devido às inúmeras atividades realizadas ao mesmo tempo e de forma precisa e rápida, causa um enorme cansaço. E mesmo cansada, essa mulher, ao chegar a sua casa, depara-se com a necessidade de realizar as tarefas domésticas, o que a impede de repousar-se ou praticar alguma atividade esportiva e de lazer.

São mulheres que, pela necessidade de sobrevivência, deixam seus lares diariamente para assumir uma função remunerada nos supermercados. Trabalhadoras que apesar de todas as dificuldades sentem-se felizes pela oportunidade de estarem empregadas, recebendo uma remuneração ao final de cada mês. Isso, além de propiciar a participação no orçamento familiar, também a faz sentir-se bem.

Os supermercados são os redutos do trabalho feminino e da divisão sexual do trabalho, assim como também o ambiente doméstico do qual fazem parte as trabalhadoras. As mulheres estão em maior número nos supermercados, realizando tarefas ditas como femininas e associadas ao ambiente doméstico, como no setor de limpeza, nas lanchonetes e padarias, e outras que exigem calma, paciência, dedicação, atenção e demais habilidades determinadas como femininas. Os homens estão nos supermercados em menor número, ocupando os cargos de chefia e supervisão, recebendo os maiores salários e em funções determinadas como masculinas por exigir força física.

A mulher vê na sua inserção no mercado de trabalho a capacidade de novas conquistas, de alcançar a sonhada emancipação financeira que, na verdade, apresenta-se de modo tímido, em fase inicial. Pois ao ser obrigada a trabalhar nos supermercados para ajudar na complementação, ou a assumir totalmente o orçamento financeiro de sua casa, ela tem a oportunidade de experimentar novas sensações, adquirir novas experiências, e certa liberdade que não poderia vivenciar se estivesse apenas em sua casa, sem estudar, sem trabalhar, cuidando dos afazeres domésticos e da reprodução e da criação de filhas e filhos, dependendo totalmente do dinheiro do companheiro.

Hoje são mulheres da mesma forma como antes, sendo esposas e mães dedicadas e

presentes na vida de seus descendentes, porém, mais instruídas, mais responsáveis pela mudança de sua condição social e o que é melhor, conscientes da necessidade de mudanças e certas de que a chave para a mudança está em suas mãos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudanças ocorrem ao longo dos tempos na vida da mulher e em seu papel enquanto integrante de uma sociedade classista e machista. Ela rompe com estereótipos que socialmente foram construídos e consolidados a fim de afirmar e manter uma sociedade de poderio patriarcal, onde ela não tinha vez e muito menos voz.

Ficava sempre aos cuidados e domínio de um homem, primeiramente seu pai, e após casar-se por meio de arranjos familiares com interesses financeiros, tornava-se propriedade privada de seu marido, não podendo frequentar espaços públicos sozinha e tendo como principal preocupação e obrigação a gestação e criação dos descendentes e herdeiros dos bens do casal, bem como a manutenção da casa e seus afazeres domésticos.

Aos poucos, a mulher passou a buscar a conquista de alguns direitos que até então eram somente destinados aos homens, como é o caso do acesso à educação e ao voto. A educação abriu caminhos para que a mulher analisasse a sua condição de submissão e exploração e proporcionou a oportunidade para que muitas denunciassem e divulgassem por meio de seus escritos sua insatisfação com tal situação.

Pensava-se que por meio do trabalho a mulher alcançaria sua liberdade financeira e conseqüentemente sua emancipação. De fato, ao sair de sua casa e empregar-se em uma profissão remunerada, a mulher modifica toda a estrutura social, já que inúmeras alterações no comportamento feminino puderam ser observadas à medida que o mercado de trabalho passou a receber um número cada vez mais elevado de mulheres que deixaram seus domicílios e se tornaram trabalhadoras assalariadas. Entre essas mudanças, podemos enumerar a elevação do nível de instrução feminino, com as mulheres frequentando em maior número as salas de aula principalmente no ensino superior. O retardo da maternidade, com a gravidez acontecendo posteriormente à consolidação de uma carreira profissional e a redução da quantidade de filhas e filhos por casal, o que de certa forma impede a mulher de trabalhar fora de casa quando essa opta por ter várias gestações, uma vez que o cuidado com as crianças ainda é visto como uma tarefa somente das mulheres.

A mulher não alcança a tão sonhada liberdade e tampouco a emancipação porque o capital se utiliza dessa situação para se apoderar da mão de obra disponível no mercado. Passa então a explorá-la a fim de reproduzir-se, criando espaços de trabalho precarizado com péssimas condições, para que essa mulher possa realizar sua atividade laboral diária com jornadas abusivas e remuneração insatisfatória e inferior a do homem, até mesmo quando ele

desempenha a mesma função.

Cria profissões destinadas somente à mulher, e conseqüentemente espaços que se tornam redutos do trabalho feminino, como é o caso dos supermercados, que foram os locais escolhidos para a realização da pesquisa e que acentuam cada vez mais a divisão sexual do trabalho, com o homem ocupando os cargos de chefia e comando e, em contrapartida, a mulher ocupando os cargos de menor prestígio social e remuneração. É o que acontece nos supermercados que foram pesquisados, nos quais se constatou o emprego da mão de obra feminina em um número superior ao da mão de obra masculina, estando presente em todas as funções sendo liderada e gerenciada por homens.

O objetivo principal proposto pela pesquisa foi conhecer o cotidiano das funcionárias dos supermercados, para que, a partir dessa análise, fosse possível avaliar como o capital se apropria da mão de obra feminina disponível no espaço produtivo, assim como também no espaço reprodutivo.

A partir daí a pesquisa tomou seus contornos, e por meio de observações e coleta de dados através das entrevistas foi possível traçar um perfil dessa trabalhadora, bem como diagnosticar a condição de precariedade que essa mulher enfrenta diariamente com uma dupla e até uma tripla jornada.

São, em sua maioria, casadas, com apenas um filho, e que estão empregadas nos supermercados para conseguir garantir o sustento diário de sua família, já que contribuem com o orçamento financeiro familiar. O sustento e a sobrevivência de toda a família são também de responsabilidade da mulher que está solteira morando sozinha e/ou com sua filha ou filho.

Quando casada, o salário do marido, mesmo sendo superior ao seu, ainda é insuficiente, e por isso a busca pela emancipação financeira não ocorre como o esperado, pois a mulher se torna submissa, sendo obrigada a desempenhar múltiplas funções que não são remuneradas, cumprir jornadas que excedem seus horários, trabalhando aos sábados, domingos e feriados com um período reduzido para o descanso e alimentação, realizando movimentos repetitivos, além de conviver com a constante ameaça de perder o emprego por necessitar financeiramente dele, o que faz com que sejam suportadas situações de discriminação, preconceitos e assédio, confirmando que as condições de trabalho dessa mulher são precárias e sua renda mensal não permite sua emancipação financeira. O salário é insuficiente e obriga a trabalhadora a buscar outras fontes de renda, realizando uma segunda atividade remunerada além da escala diária, além da própria rotina diária de trabalho não remunerado no espaço reprodutivo.

A mulher é a responsável por todas as obrigações domésticas, realiza todos os trabalhos sozinha ou recebe uma pequena ajuda das filhas e filhos ou do companheiro, que por muitas vezes escolhem os serviços que irão realizar, deixando à ela a execução de todos os serviços, como lavar, passar, cozinhar e limpar, sem receber nenhuma remuneração em troca.

A mulher já superou muitos obstáculos, alcançando um considerável avanço no que concerne aos seus direitos iguais ao do homem, reconhecimento profissional e sua condição social como um todo. Mas a desejada emancipação ainda não foi alcançada, pois apesar de estudar, conquistar uma profissão remunerada no mercado de trabalho, ainda não conseguiu livrar-se das obrigações socialmente ditas e determinadas como femininas.

Ela pode até trabalhar fora de sua casa, mas ainda é refém das obrigações domésticas. Responsável pela maternidade, pelo cuidado com as crianças e pelos afazeres domésticos, a mão de obra feminina atual está subordinada aos interesses da exploração e da reprodução do capital.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que a trabalhadora não percebe a situação de exploração e a conseqüente precarização a que é submetida diariamente quando realiza múltiplas tarefas, trabalha aos sábados, domingos, feriados e além da jornada diária sem remuneração adicional. Se omite em situações de constrangimento, discriminação e assédio por medo de demissão.

Além das tarefas desempenhadas, enfrenta também as jornadas fora dos supermercados com a responsabilidade de todos os trabalhos domésticos e a necessidade de uma terceira jornada para complementação da renda mensal que é insuficiente devido o recebimento de uma remuneração mínima pela venda de sua força de trabalho, ocupa todo o tempo diário dessa mulher que ao final do dia não teve um período destinado ao lazer, ao descanso, a prática esportiva e o contato direto com a família.

Realizar essa pesquisa proporcionou a valorosa oportunidade de presenciar a rotina diária das trabalhadoras dos supermercados e confirmar a presença da precarização da inserção da mulher no mercado de trabalho e a ausência da tão sonhada emancipação feminina que não acontecerá enquanto ela se desdobra entre o trabalho remunerado e as obrigações domésticas o que de fato não a liberta e sim a aprisiona de responsabilidades e compromissos que deveriam ser compartilhados entre os homens com igualdade de direitos e deveres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. (Mundo do trabalho) 2. ed. São Paulo: Bom Tempo, 2009. 287 p.

BEAUVIOR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. **Assembléia Nacional Constituinte 1933-4**: Anais. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934-7, 22v.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 09 ago. 1943.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 4.266, de 3 de outubro de 1963. Institui o salário família do trabalhador. **Diário Oficial da União**, Brasília, 08 out. 1963.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. Portaria n.º 09, de 30 de Março de 2007. Aprova o Anexo II da NR-17 – Trabalho em Teletendimento/Telemarketing. **Diário Oficial da União**, Brasília, 02 abr. 2007.

\_\_\_\_\_. Decreto n.º 8.381, de 29 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei n.º 12.382, de 25 de fevereiro de 2011, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 dez. 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. 144p.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais Trabalho!**: A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Bomtempo, 2008.

DIEESE. **Mercado de trabalho em Goiás**: estudos do Observatório do Trabalho. Goiânia: DIEESE, 2010.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FIGUEIREDO, Flora. **Amor a Céu Aberto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento. **Ascensão da mulher na sociedade**. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/informestecnicos/1A%20Ascens%C3%A3o%20da%20Mulher%20na%20Sociedade-201203.pdf>>. Acesso em: out. 2013.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. Tradução de Eliane Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?:** um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Bomtempo, 2002.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo 2010.** Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/noticias -censo-2010-populacao-brasil](http://www.ibge.gov.br/noticias-censo-2010-populacao-brasil)>. Acesso em: out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Estatística/Trabalho e rendimento.** 08 de março de 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/ trabalhoerendimento](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento)>. Acesso em: out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Mensal de Emprego – PME.** Dia Internacional da Mulher. Mulher no Mercado de Trabalho. 08 de março de 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendi mento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp\\_2012.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf)>. Acesso em: jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Síntese dos Indicadores Sociais 2013.** Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/Indicadores\\_Sociais/Sintese\\_de\\_Indicadores\\_Sociais\\_ 2013/SIS\\_2013.pdf](http://www.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2013/SIS_2013.pdf)>. Acesso em:abr.2014.

\_\_\_\_\_. **Censo 2010:** mulheres são mais instruídas que homens e ampliam nível de ocupação. 19 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/2369B>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Fecundidade, natalidade e mortalidade.** Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/2ZAB0>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: nov. 2014.

IMB (Instituto Mauro Borges de Estudos Socioeconômicos). **Perfil socioeconômicos dos municípios goianos.** Disponível em:<[http://www.imb.go.gov.br/perfilsocioeconomicosdos municpiosgoianos](http://www.imb.go.gov.br/perfilsocioeconomicosdosmunicipiosgoianos)>. Acesso em out. 2013.

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MORAES, Marcia. **Ser humana:** quando a mulher está em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização do mundo do trabalho:** entre a emancipação e precarização. Campinas: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. **O trabalho duplicado:** a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PADILHA, Valquíria. **Shopping Center:** a catedral das mercadorias. São Paulo: Bom Tempo, 2006.

POCHMANM, Marcio. **Nova classe média?:** o trabalho na base da pirâmide social brasileira.

São Paulo: Bomtempo, 2012.

PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie (Orgs.) **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528p.

SANTOS, Elza Ferreira. **Mulheres entre o lar e a escola**: os porquês do magistério. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.



**ANEXO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Mestranda/Pesquisadora: Deanne Teles Cardoso

Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**A MULHER E O TRABALHO:  
O cotidiano das trabalhadoras dos supermercados**

Questionário a ser aplicado às trabalhadoras dos supermercados:

1- Em qual supermercado trabalha?

- a) ( ) 1\*                      b) ( ) 2\*                      c) ( ) 3\*

2- Qual a sua idade?

- a) ( ) 18 a 25                      c) ( ) 34 a 41                      e) ( ) acima de 50 anos  
b) ( ) 26 a 33                      d) ( ) 42 a 49

3 - Qual seu nível de escolaridade?

- a) ( ) Ensino Fundamental incompleto                      e) ( ) Superior Incompleto  
b) ( ) Ensino Fundamental completo                      f) ( ) Superior Completo  
c) ( ) Ensino Médio Incompleto                      g) ( ) Pós-Graduação  
d) ( ) Ensino Médio Completo

4 - Qual seu estado civil?

- a) ( ) solteira                      c) ( ) viúva  
b) ( ) casada                      d) ( ) outros

5 - Quantidade de filhos:

- a) ( ) nenhum                      c) ( ) dois                      e) ( ) quatro ou mais  
b) ( ) um                      d) ( ) três

6 - Tipo de residência:

- a) ( ) Própria                      b) ( ) alugada                      c) ( ) outros

7 - Qual função exerce na empresa? \_\_\_\_\_

8 - Quando foi contratada pela empresa? \_\_\_\_\_

9 - Qual o meio de transporte utiliza para ir trabalhar? \_\_\_\_\_

10 - Qual sua faixa salarial?

- a)  um salário mínimo                      d)  dois salários mínimos e meio  
b)  um salário mínimo e meio      e)  três salários mínimos ou mais  
c)  dois salários

11- Recebe alguma gratificação em salarial? Qual? \_\_\_\_\_

12 - Possui outra renda adicional mensal? Qual? \_\_\_\_\_

13 - É a principal provedora financeira da casa?

- a)  sim    b)  não

14 - Sua participação nas despesas da casa é:

- a)  parcial              b)  igual a do marido      c)  total responsabilidade minha

15- Seu salário em relação ao do marido/companheiro é:

- a)  menor              b)  igual                      c)  superior

16 - Qual sua jornada diária de trabalho?

- a)  6 horas              b)  8 horas                      c)  mais de 8 horas

17 - Qual seu turno de trabalho?

- a)  matutino/vespertino              b)  vespertino/noturno

18 - Onde trabalhava anteriormente? Qual função exercia? \_\_\_\_\_

19 - Quais as garantias trabalhistas o empregador lhe garante? \_\_\_\_\_

20 - Por que você hoje trabalha no supermercado?

21- Com relação à aparência, o supermercado exige algum cuidado? Qual?

22 - Quais as tarefas desenvolvidas em trabalho?

23 - Você realiza tarefas que exigem movimentos repetitivos? Quais?

24 - Há metas a serem cumpridas em seu trabalho? Como você se posiciona em relação aos resultados que lhe são cobrados?

25 - Você acha que sua função te expõem a algum risco? Qual?

26 - Você sofre ou já sofreu alguma doença causada pelo seu trabalho? Qual? Conhece alguém que sofre ou já sofreu?

27 - Você já passou por uma situação de constrangimento com a empresa e/ou algum cliente? Qual?

28 - Já sofreu assédio de patrão, cliente ou colegas?

a) ( )sim b) ( )não

29 - Como você se defendeu nessas situações de assédio?

30 - Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação em seu trabalho? Qual?

31- O que é trabalho para você?

32 - Qual a importância do seu trabalho para você?

33 - Você gosta do que faz em seu trabalho? Por quê?

34 - Gostaria de trabalhar em outro lugar ou realizar outra tarefa? Se a resposta for sim, o que está fazendo para alcançar essa mudança?

35- Quais trabalhos em seu domicílio você realiza? Recebe alguma ajuda na realização do trabalho doméstico? Quem? Como é a ajuda?

36 - Você realiza consultas de rotina? Quando foi ao médico pela última vez?

37 - Você realiza alguma atividade de lazer? Qual? Com que frequência?

\*Os supermercados serão identificados posteriormente com os respectivos nomes fictícios.